

PRODOC FUNDAJ / MEC

Produto 1: Documento técnico contendo estudo analítico das interfaces e convergências temáticas constantes das coleções Josué de Castro e Miguel Arraes, com foco nas décadas de 1950 à 1970, incluindo a identificação detalhada dos documentos e a sistematização do conteúdo de entrevistas realizadas, além da proposta de produtos educativos-culturais com potencial de desenvolvimento pela FUNDAJ.

Consultor Individual:
Helder Remigio de Amorim

RECIFE, 2024

Sumário

Introdução	03
Atividade 1	06
Arquivo Pessoal Josué de Castro: história e especificidades	06
O Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro: a primeira tentativa de institucionalização	08
A Fundaj e a salvaguarda do Acervo de Josué de Castro	10
Detalhamento do acervo pessoal de Josué de Castro	13
Registros da visita técnica realizada <i>in loco</i> ao Acervo Pessoal Josué de Castro	15
Arquivo Pessoal Miguel Arraes: história e especificidades	15
O Instituto Miguel Arraes: institucionalização do acervo e disputas pela memória...19	
A FUNDAJ e a salvaguarda do acervo de Miguel Arraes	21
Registros da visita Técnica realizada in loco ao Acervo Pessoal Miguel Arraes.....	24
Atividade 2.....	25
Entre o Centro Josué de Castro e a Fundação Joaquim Nabuco: aspectos documentais.26	
Um acervo pessoal em construção: memórias de um conjunto documental.....	31
O Acervo Pessoal Miguel Arraes chega a Fundaj: memórias e desafios.....	33
Registros fotográficos das entrevistas.....	37
Atividade 3.....	38
Eixo Temático 1 - Reforma Agrária/Trabalhadores/Campo.....	40
Eixo Temático 2 - Política (1959/1962).	41
Eixo Temático 3 - Exílio	44
Bibliografia	47

Introdução

Este ProDoc da UNESCO tem como intuito promover uma consultoria especializada para apoiar tecnicamente a FUNDAJ/MEC no âmbito do projeto "Educação para a História Política: interfaces entre os acervos Miguel Arraes e Josué de Castro", no desenvolvimento de ações e produtos que tenham perspectivas de difusão educativa e cultural, tendo como foco as convergências entre os acervos pessoais / privados de Miguel Arraes e Josué de Castro.

O ProDoc proporciona uma experiência de imersão nos dois acervos em questão, mas principalmente possibilita sistematizar ideias e ações que permitam o diálogo entre documentos que registram ideias, posicionamentos políticos de dois personagens fundamentais para compreensão da história do Brasil. Uma análise criteriosa da tipologia documental, sobretudo, da história desses acervos, permitirá que a Fundação Joaquim Nabuco e os setores responsáveis pela salvaguarda documental, possam direcionar os usos para fortalecer a dimensão pública desses arquivos pessoais.

Tendo em vista a problematização dos acervos de Josué de Castro e Miguel Arraes cabe pensar a partir de Paul Ricoeur quando afirma que "o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social"¹. No arquivo² o historiador e diversos outros profissionais reúnem rastros, fragmentos, pedaços do passado inspirados por questões do presente³. Esses dois acervos pessoais são complexos em sua materialidade, principalmente quando se dimensionam as diversas temporalidades e regimes de historicidade que habitam os documentos.

Nesse sentido, um arquivo pessoal, possui peculiaridades distintas em relação a um arquivo eminentemente institucional, principalmente no que diz respeito aos processos de

¹ RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 177.

² Inicialmente cabe ressaltarmos a importância de problematizar o conceito de arquivo. "Do latim *archivu*, do grego *arkheion*, tem como significado primeiro: "Casa ou móvel onde se conservam ou guardam documentos escritos. Significa também — Repositório ou coleção de qualquer espécie de documentos ou outros materiais, como manuscritos, fotografias, correspondências, importantes para as instituições civis ou governamentais, ou de valor histórico. Essas duas definições nos permitem pensar alguns dos estatutos do arquivo. Primeiramente a noção do que é um documento, já que os arquivos são formados por um conjunto de documentos, de registros e de fundos. Posteriormente, a ideia de que o arquivo também é um repositório que tem por finalidade a conservação e a preservação". AMORIM, Helder Remigio de. **"Arquivar a própria vida": O acervo pessoal de Josué de Castro como instrumento para a pesquisa histórica**. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais • Aracaju • V.6 • N.1 • p. 135 - 144 • Jun. 2017.

³ Nesse momento ressaltamos as observações primeiras de Michel de Certeau sobre a prática e a escrita do historiador, quando afirma: — Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 66.

classificação e seleção do que deve ou não deve ser preservado. Segundo Luciana Heymann, historiadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (UNIRIO): "Os arquivos pessoais, todavia, em geral trazem a marca de um processo de acumulação pautado por subjetividades individuais, expressas na seleção dos documentos a serem preservados"⁴. Desse modo, pensamos que as ações institucionais de intervenção nos acervos pessoais de Josué de Castro e Miguel Arraes devem levar em consideração a complexidade dessas subjetividades individuais, bem como as ideias de passado, presente e futuro contidas na preservação e projeção de imagens desses personagens. A produção de identidades, as relações entre memória individual e social, mas principalmente compreendermos esses dois acervos como "escritas de si" a partir do processo de acumulação de documentos⁵.

As demandas e as novas mudanças sociais do presente exigem que as instituições repensem os usos dos acervos com foco na divulgação científica e em um diálogo mais amplo com a academia, com a educação básica e em alguns momentos com o grande público. É preciso mensurar as possibilidades de (re)articulação entre a missão da instituição que salvaguarda esses acervos e as memórias individuais e coletivas. Desse modo, compreender os acervos pessoais de Miguel Arraes e Josué de Castro como potenciais para a construção de memórias e dimensionar os múltiplos usos que podem ir além da tradição já estabelecida, perpassando pela educação formal e não formal, por exercícios criativos, ou ainda pelo audiovisual.

A Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)⁶ instituição das mais tradicionais do Brasil, referência no campo da pesquisa em diversas áreas do conhecimento, possui um amplo acervo com diversas tipologias documentais. Além de técnicos e pesquisadores com a expertise necessária para sistematizar planos de ação, preservação e divulgação dos diversos acervos que salvaguarda.

Por outro lado, sugerimos que as interfaces entre os acervos centrais deste trabalho sejam pensadas na instituição a partir de uma perspectiva transversal que possibilite o diálogo com outras coleções e documentos. Algumas especificidades das biografias de Arraes e Castro

⁴ HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012, p.179.

⁵ GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.10.

⁶ A missão da instituição dialoga diretamente com as potencialidades dos acervos pessoais dos acervos de Miguel Arraes e Josué de Castro: "Gerar conhecimento no campo das humanidades com a finalidade de atender a demandas e necessidades relacionadas à educação e cultura, compreendidas de forma interdependente, com vistas ao desenvolvimento justo e sustentável da sociedade brasileira". Fonte: Site da Fundação Joaquim Nabuco <https://www.gov.br/fundaj> acessado em 30/03/2024.

explicam a ausência de amplos conjuntos documentais dos dois personagens como correspondências, fotografias que permitam uma correlação mais ampla e detalhada para a produção de produtos. Nesse sentido, o caminho a ser trilhado é a correlação temática como sugerimos neste relatório. Por este motivo, destacamos a importância de reunir elementos biográficos que reforcem a justificativa da relevância desses acervos, mas sobretudo, contribua para compreensão das escolhas temáticas que foram realizadas.

No que concerne a estrutura deste trabalho apresentará nas próximas páginas um documento técnico analítico dos acervos citados que terá como recorte cronológico o período de 1950 a 1970 intitulado **Produto 1** composto pelas atividades relacionadas abaixo:

Atividade 1 - pesquisa, com foco nas décadas de 1950-1970, nas duas referidas coleções e nos diversos documentos sobre elas (relatórios, livros de tombo, documentos administrativos, dentre outros);

Nas visitas realizadas aos acervos e aos setores da instituição, reunimos listagens, documentos administrativos que trazem informações fundamentais para compreensão dos processos de doação e institucionalização dos acervos pessoais de Josué de Castro e Miguel Arraes.

Atividade 2 - realização de entrevistas com o corpo técnico da Fundaj e técnicos que atuaram em outras instituições (Centro Josué de Castro, Instituto Miguel Arraes) e que já trabalharam nos acervos Josué de Castro e Miguel Arraes.

Ao longo deste trabalho, realizamos um mapeamento de profissionais da Fundaj que estiveram presentes nos processos de doação, catalogação e higienização dos acervos de Josué de Castro e Miguel Arraes e que também integraram as instituições hoje não mais existentes como Instituto Miguel Arraes e o Centro Josué de Castro. A partir deste levantamento, realizamos uma série de entrevistas temáticas que foram utilizadas como um importante instrumento para analisar os processos de institucionalização dos acervos.

Atividade 3 - elaboração e entrega do documento técnico apontando as interfaces e convergências temáticas constantes nas coleções Josué de Castro e Miguel Arraes, incluindo a identificação detalhada de tais documentos, com foco nas décadas de 1950-1970.

A realização das pesquisas *in loco* nos dois acervos revelou não somente a potencialidade documental, mas as condições de acondicionamento, os sistemas de catalogação, bem como permitiu apontar as necessidades e os desafios da instituição na

manutenção e preservação dos documentos. A análise das interfaces dos acervos esteve amparada por uma ampla pesquisa documental que metodologicamente foi direcionada a partir de alguns eixos temáticos no recorte proposto: 1- A luta pela terra e o direito à alimentação, 2- A configuração política, em especial, as eleições para Prefeitura do Recife de 1959, 3- As experiências do exílio vivido por Josué de Castro e Miguel Arraes.

Atividade 1

Arquivo Pessoal Josué de Castro: história e especificidades

Nesse momento, nos dedicamos a analisar o Acervo Pessoal Josué de Castro, salvaguardado pela Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira (CEHIBRA). Mas consideramos necessário, primeiramente, trazer elementos biográficos desse importante intelectual do pensamento social brasileiro e que teve como foco principal estudos, pesquisas e sobretudo a militância no combate à fome no mundo.

Breve Biografia de Josué de Castro

Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 na cidade do Recife, faleceu em 1973 em Paris, durante o período em que esteve exilado após o golpe civil-militar de 1964. A sua produção intelectual esteve aliada aos cargos públicos que ocupou como médico, professor universitário, presidente do Conselho Consultivo da FAO, deputado federal, embaixador e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento, em Paris (CID). Em relação à dimensão política e social do seu pensamento, desenvolveu ações para desnaturalizar a fome como atributo dos pobres e resultado das condições climáticas e de solo. Destacam-se, no âmbito dos debates acerca da sociedade brasileira, os estudos de Josué de Castro sobre as condições alimentares da população e as análises referentes à estrutura agrária do país. Para desenvolver esses temas, Castro se situou academicamente no campo de saber da geografia que ao longo dos anos 1930 e 1940 esteve atrelada aos projetos da constituição e fortalecimento do Estado Nacional brasileiro. Vale destacar o recente artigo publicado pela pesquisadora da FUNDAJ, Rita de Cássia Araújo, na *Revista Coletiva* que realiza um importante panorama sobre o Arquivo Josué de Castro. Sobre esta fase da trajetória intelectual de Josué de Castro destacou:

Em 1932, Josué de Castro realizou, no Recife, o primeiro inquérito social sobre as condições de vida da classe trabalhadora brasileira. O resultado da pesquisa foi publicado em 1935, no Anuário de Pernambuco, com o título de "As condições de vida da classe operária no Recife: estudo econômico da sua alimentação". Nesse mesmo ano, ganhou edição da Diretoria de Estatística, do Ministério do Trabalho, tendo o título sofrido ligeira alteração: *As condições de vida das classes operárias do Recife*⁷.

No que diz respeito a sua obra foi traduzida em 25 idiomas, ganhou repercussão internacional, principalmente quando publicou *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951), livros que circularam com destaque tanto nos Estados Unidos da América como na União Soviética, em tempos de Guerra Fria. No início da década de 1960, estima-se que sua obra havia vendido mais de 400.000 exemplares em todo mundo. Assim sendo, suas ideias estiveram voltadas, desde a década de 1930, para a compreensão do fenômeno da fome que considerava ser fruto da exploração do homem pelo homem como afirmou o historiador Manuel Correia de Andrade, intelectual que foi um dos principais especialistas na obra de Josué de Castro e que pertenceu ao quadro de pesquisadores da FUNDAJ.

No caso brasileiro, uma figura marcante de cientista, de professor, de homem público, de parlamentar é a do médico-geógrafo Josué de Castro, que teve grande influência na vida nacional e grande projeção internacional nos anos decorridos entre 1930 e 1974. É necessário fazer-se uma reflexão desapassionada sua vida e da sua obra, extraindo delas os ensinamentos que conduzam ao futuro. Ele dedicou o melhor do seu tempo chamando a atenção para os problemas da fome e da miséria que assolavam o mundo⁸.

Vale ressaltar a atuação político-partidária de Josué de Castro durante a década de 1950 quando foi deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Pernambuco por duas legislaturas. Enquanto deputado defendeu a criação de uma reserva de alimentos no Brasil para os momentos de crise, a desapropriação de terras por interesse social, além de um plano nacional de alimentação e de merenda escolar. Destaca-se ainda a sua preocupação com a reforma agrária e a aproximação com os movimentos de trabalhadores rurais, especialmente com as Ligas Camponesas. Josué de Castro participou dos debates que criaram a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e combateu

⁷ ARAÚJO, Rita de Cássia de. COLETIVA | Villa Digital | **O Arquivo Josué de Castro na Fundação Joaquim Nabuco** | n° 13 | 15 de dezembro de 2023 | ISSN 2179-1287.

⁸ ANDRADE, Manuel Correia de. **Josué de Castro: o homem, o cientista e o tempo**. Estudos Avançados. São Paulo: 11 (29), 1997. p. 169-194.

enfaticamente o modelo de desenvolvimento adotado pelo governo de Juscelino Kubistchek. Ainda nos anos 1950, presidiu por dois mandatos (1952-1956) o Conselho Consultivo da *Food and Agricultural Organization* da ONU (FAO) com sede em Roma.

Em 1962, Josué de Castro renunciou ao mandato de deputado federal por ter sido nomeado pelo então presidente João Goulart embaixador do Brasil para assuntos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra. No entanto, dois anos depois, foi destituído do cargo com o golpe civil-militar de 1964. Assim como muitos intelectuais e políticos, Josué de Castro teve seus direitos políticos cassados. Naquela ocasião, vários países lhe ofereceram asilo político, mas a França foi o país escolhido por ele para viver. Lá Josué de Castro teve destacada atuação intelectual como professor da Universidade de Vincennes e presidente de um organismo que pretendia criar alternativas de desenvolvimento para os países mais pobres, o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID)⁹. Após essas breves considerações biográficas sobre Josué de Castro partiremos para explicar o primeiro processo de institucionalização do acervo.

O Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro: a primeira tentativa de institucionalização

O acervo pessoal de Josué de Castro passou pelo primeiro processo de institucionalização através da criação do Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro que é uma entidade de direito privado sem fins lucrativos. A entidade tem como objetivo contribuir para a construção e fortalecimento da democracia e da cidadania na perspectiva do acesso aos direitos humanos, através da pesquisa e da intervenção social. Segundo informações do sítio da entidade: "Foi fundado em 1979 por pesquisadores pernambucanos, alguns ainda no exílio e vinculados a diferentes Universidades, todos compartilhando do mesmo ideal de contribuir para a retomada da democracia em nosso país"¹⁰. Esse grupo de

⁹ Tendo em vista especificamente a trajetória intelectual e política de Josué de Castro e os dados biográficos apresentados, tomamos como referência o livro AMORIM, Helder Remigio de. **Josué de Castro: um pequeno pedaço do incomensurável**. Jundiaí [SP]: Paco, 2022, p. 25-28.

¹⁰ <https://josuedecastro.org.br/quem-somos/> acessado em 30/04/2024.

intelectuais e pesquisadores escolheram homenagear Josué de Castro, especialmente pela independência, espírito crítico, compromisso com o processo transformação da realidade¹¹.

As diversas atividades acadêmicas, eventos, seminários, oficinas e parcerias institucionais fizeram do Centro Josué de Castro uma referência nacional em publicações e políticas públicas de cunho social. Essas atividades contribuíram para que em 1987, a família Castro realizasse a doação ao Centro de grande parte do acervo documental e pessoal do intelectual. Desse modo, a constituição material do acervo se deu em grande parte no Rio de Janeiro, cidade na qual Josué de Castro residiu a maior parte de sua vida, onde lecionou, clinicou e fez política. A outra parte do acervo foi composta em Paris onde viveu no exílio e desempenhou atividades acadêmicas na Universidade de Vincennes e, ainda, presidiu o Centro Internacional para o Desenvolvimento.

Ao longo dos anos 1980, o arquivo pessoal Josué de Castro passou pelo primeiro processo de institucionalização¹². Essa mudança não foi meramente geográfica, mas significou uma modificação de estatuto que alterou os sentidos atribuídos ao conjunto documental. Um arquivo quando se institucionaliza, apesar de não passar por reclassificações, restaurações e processos de higienização, deixa o âmbito da esfera privada e familiar e passa a habitar a dimensão pública no que concerne à pesquisa e consulta do acervo. Algumas informações mais detalhadas sobre as intervenções no acervo de Josué de Castro serão discutidas no detalhamento da **Atividade 2**. No termo de doação do acervo firmado entre a família Castro e o Centro Josué de Castro encontramos uma informação importante em uma carta endereçada ao Centro Josué de Castro assinada pela nutricionista Anna Maria Castro, filha de Josué de Castro.

Após o falecimento de minha mãe que fielmente preservou o acervo deixado por Josué de Castro, foi pensamento meu e de meus irmãos reunir todo esse material em uma fundação que permitiria a conservação de todos esses documentos históricos e daria acesso aos jovens estudantes brasileiros à vida e a obra deste cientista pernambucano¹³.

¹¹ MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Org.). **Josué de Castro**. Série Perfis Parlamentares, n.52. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007, p. 95.

¹² No processo 23101000936/2011 FUNDAJ/CEHIBRA encontramos o Termo de Doação do acervo firmado entre a família Castro e o Centro Josué de Castro datado de 28 de julho de 1988.

¹³ Processo 23101000936/2011, FUNDAJ/CEHIBRA.

A informação de que Glauce do Rego de Castro, esposa de Josué de Castro, teve um papel fundamental na constituição e preservação do acervo é fundamental para discutirmos a classificação original de toda essa documentação. Além do papel que Glauce Castro teve na leitura da produção do intelectual. A constituição desse arquivo pessoal ainda contou com colaborações de amigos, jornalistas que enviavam recortes de jornais, cartas, relatórios, livros e que, ao longo dos anos, foram compondo o acervo. Em um dos poucos depoimentos gravados para o documentário *Josué de Castro: Cidadão do Mundo* destacou a importância do arquivo pessoal, Josué de Castro. O sociólogo e historiador Denis Bernardes que participou ativamente de uma das intervenções no acervo:

São vários, são vários os “Josués”. É a grande riqueza desse acervo. É o Josué do início da sua carreira, como estudante, já voltado para a literatura, no campo do cinema, o comentador de Freud aos 17 anos - algo extremamente interessante - o médico e em seguida, sem que isso seja uma divisão, o pesquisador da nutrição, o político. Coroando tudo isso o Josué, o homem universal, o brasileiro universal, é o que nós encontramos nessa documentação, na sua correspondência, na sua preocupação, no seu arquivo de recortes de jornais. Parte da história, não só do homem Josué, mas parte da história brasileira está nesse arquivo. (TENDLER, 1995).

Posteriormente no início dos anos 2000, o Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro passou por dificuldades orçamentárias e estruturais que incidiram diretamente nos projetos que envolviam a catalogação e a preservação do acervo documental em questão¹⁴. Desse modo, em 2010, os sócios desta entidade de direito privado decidiram entrar em negociação com a família Castro e com a Fundação Joaquim Nabuco para que o acervo fosse doado para uma entidade que tivesse recursos para preservação da documentação.

A FUNDAJ e a salvaguarda do acervo de Josué de Castro

O CEHIBRA conta com aproximadamente 1 milhão de itens com ênfase no século XIX e XX, documentos de diversos suportes e tipologias compõem este amplo acervo. A maior parte do acervo é composto por doações de intelectuais, professores, artistas, fotógrafos e políticos. Uma parte significativa dos acervos constituídos desde o início das atividades da Fundaj, estavam relacionados com Gilberto Freyre, mas nas últimas duas décadas o perfil dos acervos vem se diversificando sistematicamente. Além de ser uma

¹⁴ Em 2004 o Centro Josué de Castro em parceria com a Fundação Banco do Brasil realizou o Projeto Memória Josué de Castro - Por um mundo sem fome que produziu material de apoio pedagógico, um website e um vídeo documentário. O kit pedagógico foi distribuído em 18 mil escolas públicas em todo o país.

instituição que possui uma tradição e pioneirismo na salvaguarda de acervos pessoais, possui uma infraestrutura adequada para salvaguarda de acervos com a variedade e potencialidade da documentação produzida por Josué de Castro.

Na pesquisa realizada nos documentos institucionais tivemos acesso ao Processo 23101000936/2011 que contém todo o percurso burocrático de transferência do acervo de Josué de Castro para a Fundaj. O primeiro documento trata-se de uma correspondência do Presidente do Centro de Josué de Castro, José Arlindo Soares, para o então Presidente da Fundaj, Fernando Freire datada de 01 de agosto de 2011.

Na Assembléia Geral dos Sócios do Centro Josué de Castro, realizada no dia 10 de maio de 2011, foi aprovada a decisão de transferência do Acervo de Josué de Castro para a Fundação Joaquim Nabuco. Nessa assembleia foi delegada à diretoria a atribuição de prosseguir as negociações da Fundaj com a finalidade de concluir o Plano de trabalho para a viabilização desse processo de transferência¹⁵.

O documento ainda detalha as potencialidades do acervo, principalmente no que diz respeito às correspondências ativas e passivas, os recortes de jornais e outros itens. A partir desta tratativa inicial a Fundaj por meio da Diretoria de Documentação e da historiadora Rita de Cássia Araújo elaborou um parecer técnico detalhado sobre o acervo destacando a tipologia dos documentos (documentos pessoais, correspondências, recortes de jornais, fotografias, gravuras, mobiliário e livros), o estado de conservação do acervo, bem a justificativa para incorporação do acervo. Neste parecer foram destacados três aspectos centrais:

1- As possibilidades de interseção entre o acervo de Josué de Castro com outros acervos pessoais privados da Fundaj.

2- O valor documental do acervo como instrumento da memória da sociedade brasileira do século XX.

3- Destaca a relevância intelectual e política de Josué de Castro como um dos principais pensadores brasileiros do século XX.

Diante do acordo entre as partes para que fosse realizada a doação foi necessário que a família firmasse um novo termo de doação diretamente para a Fundação Joaquim Nabuco.

¹⁵ Processo 23101000936/2011, FUNDAJ/CEHIBRA.

A seguir, o registro do Termo de Doação do acervo Josué de Castro, celebrado entre a família e a Fundação Joaquim Nabuco publicado no **Diário Oficial da União**.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO EXTRATO DE DOAÇÃO No - 1 / 2011 Espécie: Termo de Doação do Acervo Histórico-Cultural do Médico, Político e Geógrafo Josué de Castro, celebrado entre a FUNDAJ, CNPJ/MF no - 09.773.169/0001-59 e seus herdeiros doadores. Objetivo: doação do acervo histórico-cultural de Josué de Castro, mantendo-o em local adequado à preservação e acessível ao público. Processo FUNDAJ no - 2310100936/2011. Data da Assinatura: 19/12/2011¹⁶.

É importante ressaltar que a transferência do acervo para a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)⁹⁸ instaurou o acesso público aos documentos, bem como acondicionamento adequado. Nesse sentido, uma série de pesquisas de mestrados, doutorandos e pesquisadores estabelecidos de diversos campos do saber estão sendo realizadas desde a disponibilização do acervo em 2013. Neste mesmo ano, o acervo passou por um processo de higienização e acondicionamento antes de ser disponibilizado para a sociedade. Algumas informações sobre as técnicas utilizadas na mais recente intervenção no acervo que considerou a classificação advinda do Centro Josué de Castro, tendo como objetivo os processos de acondicionamento e higienização. De acordo com o *Diário Oficial* os padrões e técnicas do tratamento do acervo seguiram as seguintes etapas:

As propostas deverão seguir os padrões e técnicas vigentes de tratamento de acervos, considerando a execução das seguintes etapas: a) Registro do estado de conservação do acervo através de relatório fotográfico e descritivo; b) Levantamento dos quantitativos por tipologia; c) Desinfestação do acervo. d) Higienização, compreendida pelas seguintes ações: i. Remoção de elementos espúrios (grampos, cliques, fitas adesivas, sujidades); ii. Remoção de poeira e outros resíduos. e) Acondicionamento individual de cada objeto conforme suas tipologias e estado de conservação: i. os livros e os volumes com recortes de jornal que se encontrem em estado de conservação ruim deverão receber capilhas. ii. Os periódicos receberão capilhas; iii. Os documentos de correspondência pessoal, as fotografias e outros tipos de documentos serão acondicionados em envelopes. f) Armazenamento em estantes ou armários de aço¹⁷.

¹⁶ **Diário Oficial da União**. Nº 247, segunda-feira, 26 de dezembro de 2011. Seção 3, p. 31.

¹⁷ **Ministério da Educação**. Fundação Joaquim Nabuco PREGÃO ELETRÔNICO, N.º 52/2011. PROCESSO Nº 948/201, p. 16-17.

Um detalhe importante sobre a composição do acervo pessoal de Josué de Castro é que a documentação está mais concentrada entre as décadas de 1940 e 1970, período em que se tornou escritor de obras que circularam internacionalmente, estabeleceu redes intelectuais em diversos países, e passou a acumular um maior número de documentos, principalmente no exílio quando assumiu o cargo de Presidente do CID. Desse modo, a necessidade de cruzamento de informações com outros acervos documentais da própria Fundaj e de outras instituições, também se faz obrigatória no que concerne ao período em que Josué de Castro se formou em medicina, no Rio de Janeiro em 1929, perpassando por toda a década de 1930, até a publicação de *Geografia da Fome* em 1946, principalmente pela fragmentação e ausência de documentos desses momentos históricos. A seguir apresentaremos um detalhamento do acervo de Josué de Castro a partir da consulta que foi realizada nos documentos administrativos e nas pesquisas realizadas.

Detalhamento do Acervo Pessoal Josué de Castro

Acervo Bibliográfico	Acervo Arquivístico	Objetos Tridimensionais
<ul style="list-style-type: none"> • Livros de autoria de Josué de Castro • Periódicos • Livros utilizados como fonte de pesquisa 	<ul style="list-style-type: none"> • Correspondência ativa e passiva • Recortes de jornais • Fotografias 	<ul style="list-style-type: none"> • Mesa social, poltrona, birô • Malas • Aparelho telefônico
Total	Total	Total
Aproximadamente 1.250 itens	1863 correspondências expedidas, 2039 correspondências recebidas. 6000 recortes de jornais 700 fotografias	8 cadeiras, uma mesa 1 birô 2 malas 1 aparelho telefônico

Informamos que a partir deste levantamento gostaríamos de sugerir algumas iniciativas que visem facilitar a organização e o acesso dos pesquisadores aos documentos do acervo:

1- Sugerimos que haja um levantamento nos manuscritos, visando quantificar e atualizar as listagens do acervo de acordo com descrições temáticas correspondentes aos documentos.

2- Sugerimos que haja um trabalho de indexação das fotografias, apesar da dificuldade de identificar datas, lugares e sujeitos. Consideramos fundamental e urgente que o acervo de fotografias, já digitalizado, possua uma listagem mínima de identificação.

3- No que diz respeito aos documentos pessoais (passaporte, rg, certidão de nascimento) que seja realizado um levantamento de tipologia da documentação e uma listagem de identificação seja produzida.

4- A Fundaj recebeu rolos de um projeto de microfilmagem realizado especificamente nos recortes de jornais. Os microfilmes já foram digitalizados, mas ainda não foram listados, nem sistematizados. Portanto, a identificação dos recortes de jornais digitalizados e a posterior disponibilização para consulta se faz necessária, pois possibilitará a preservação do acervo físico.

5- Em se tratando de um acervo pessoal, especificamente, de um intelectual dos mais relevantes do pensamento social brasileiro, sugerimos que haja uma catalogação e organização dos livros que permita aos futuros pesquisadores identificarem as obras de referência, bem como edições raras que serviram de fonte para a produção científica de Josué de Castro.

Vale ressaltar que os documentos manuscritos e as fotografias encontram-se em plenas condições de consulta. O acondicionamento e a temperatura ambiente estão em condições ideais para preservação e manutenção do acervo.

Registros da visita Técnica realizada *in loco* ao Acervo Pessoal Josué de Castro



Fotografias do Módulo 14 (Arquivo deslizante - CEHIBRA)

Arquivo Pessoal Miguel Arraes: história e especificidades

Biografia do titular

Miguel Arraes de Alencar nasceu em 15 de dezembro de 1916 no município de Araripe, no extremo sul do estado do Ceará. Trata-se de um território localizado no semiárido nordestino, limite com o oeste de Pernambuco. É uma região de geografia com diferentes fisiografias. Possui uma extensa chapada com formações naturais marcadas simultaneamente por áreas de matas e mananciais hídricos de um lado, e no outro um semiárido com longos períodos de estiagem.

Arraes foi o primeiro e único filho homem de José Almino Alencar e Silva e Maria Benigna Arraes de Alencar, proprietários de terras em Araripe. Além de Miguel, tiveram Ana Arraes de Alencar, Maria Alice Arraes de Alencar, Alda Arraes de Alencar, Laís Arraes de Alencar, Maria Violeta Arraes de Alencar, Almina Arraes de Alencar. O casal montou ainda um matadouro industrial e uma fábrica de beneficiamento de algodão, atividades econômicas

ainda incipientes naquela região do Ceará nos idos da década de 1910. A produção de algodão necessitava de períodos de estiagem para se desenvolver. O plantio dessa malvacea ganhava força, o que exigia seu beneficiamento antes da exportação ou abastecimento de matéria-prima nas indústrias têxteis do país.¹⁸

Os seus pais que souberam tirar proveito dos potenciais econômicos da região, mas também possivelmente das oportunidades políticas das relações familiares, é plausível que Arraes cresceu “livre dos desprovidos característicos da região”¹⁹. Teve acesso a uma boa escolarização. No que concerne aos primeiros estudos, cursou o primário em uma escola estadual do Araripe e durante a juventude mudou-se para a cidade do Crato, também no sul do Ceará, com o objetivo de concluir o ginásio e o ensino secundário no Colégio Diocesano. Crato, junto à sua vizinha Juazeiro do Norte, formavam um importante centro econômico e político na região. Além de serem posteriormente conhecidas pelo catolicismo popular em torno de Pe. Cícero. Tão logo finalizou esse ciclo escolar, aos 17 anos de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro – RJ quando em 1932 foi aprovado no vestibular da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil²⁰.

Na mesma época, ainda quando estava no início de seu curso de Direito, foi aprovado em concurso público para escriturário do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). Este fato o levou a uma nova mudança de domicílio, desta vez para Recife-PE. Conseguiu a transferência para a Faculdade de Direito do Recife, formando-se em 1937. No ano seguinte, foi promovido a assistente do diretor de fiscalização, cargo no qual permaneceu até 1941, quando passou a ser chefe de Secretaria. Em 1943 ascendeu a Delegado Regional do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). A atuação nesse posto lhe permitiu a ampliação de sua inserção nas esferas políticas. Sua rápida ascensão profissional também favoreceu sua projeção política.

Em 1948 deixou o cargo de Delegado Regional para assumir a Secretaria de Fazenda do Estado de Pernambuco. Foi indicado por Barbosa Lima Sobrinho, que havia sido eleito Governador do Estado naquele ano e com quem já havia trabalhado no IAA. Se tornou deputado estadual pelo Partido Social Democrático por dois mandatos consecutivos de 1951 a

¹⁸ Sobre os primeiros anos de Miguel Arraes ver: ROZOWYKIAT, Tereza. **Arraes**. 2ª Ed. São Paulo: Iluminuras, 2017.

¹⁹ TEIXEIRA, Flávio Weinstein. Miguel Arraes. Imagens do povo e nação na conformação de um ideário de esquerda. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. **Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)**. As esquerdas no Brasil, v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 492.

²⁰ A Universidade do Brasil foi criada por lei oriunda do Poder Legislativo em 5 de julho de 1937, ainda antes do Estado Novo. Dava continuidade à antiga Universidade do Rio de Janeiro, criada na década de 1920 como uma reunião das escolas superiores existentes na cidade. Ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. **A História como ofício: a construção de um campo disciplinar**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

1959, sendo o primeiro, eleito para a primeira suplência e em 1954 foi reeleito tornando-se oposição ao Governo de Cordeiro Farias. Tentou a reeleição em 1958 e foi derrotado. Encerrado seu mandato, Arraes foi nomeado mais uma vez ao cargo de Secretário da Fazenda, desta vez no governo Cid Sampaio (1959-1963). Exerceu a função por cinco meses, quando entrou na disputa para a Prefeitura do Recife. Essa trajetória nos governos de estado permitiu notória visibilidade política a Arraes, além de experiência no executivo estadual. Suas redes de poder logo o ensejaram para outras posições estratégicas de governabilidade e gestão, fortalecendo sua candidatura como expressão da conjunção de amplas forças políticas, progressistas e populares para prefeitura da capital. Arraes foi eleito como prefeito do Recife, por meio de uma aliança que foi denominada Frente do Recife.

Eleito, Arraes ocupou o cargo de Prefeito da capital pernambucana de 1960 até 1962. Na sua gestão, “ampliou o sistema de abastecimento de água e de fornecimento de energia, construiu chafarizes, aumentou a rede de esgotos, desenvolveu projetos de urbanização nos bairros mais pobres”, entretanto foi o Movimento de Cultura Popular (MCP), o projeto mais exitoso da passagem de Arraes pela prefeitura. Criado em 1960, no primeiro ano do mandato, surgiu como uma instituição sem fins lucrativos que funcionava no Sítio da Trindade, bairro de Casa Amarela. Formado por intelectuais, artistas, estudantes universitários, comunistas e católicos, tinha por objetivo promover uma ação comunitária de educação popular, por meio de uma pluralidade de perspectivas, com ênfase na cultura popular. O movimento propunha também fomentar uma consciência política e social dos trabalhadores, para que possam ter uma efetiva participação na vida política do país.

É durante sua gestão como Prefeito da Cidade do Recife que enfrenta o luto com a morte de sua primeira esposa. Em 1945, Miguel Arraes se casou com Célia de Souza Leão, de tradicional família recifense e irmã da esposa de Cid Sampaio. Com ela teve oito filhos: José Almino, Ana Lúcia, Carlos Augusto, Miguel, Maurício, Marcos, Carmem Silvia e Luiz Claudio. Acometida de um câncer de estômago, faleceu aos 36 anos em 1961, na cidade de São Paulo. Sepultada no Recife, seu corpo passa pela vigilância das autoridades desde seu traslado à capital pernambucana.

Em Paris, por intermédio da sua irmã Violeta Arraes que lá residia, conheceu Magdalena Saboya Fiúza com quem se casou em 1962. Magdalena, que nasceu na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, foi para o Rio de Janeiro com 8 anos de idade, em virtude das atividades profissionais do pai, João Baptista Menescal Fiúza, que era funcionário na Inspeção Federal de Obras Contra a Seca e havia sido transferido para a Capital do país. Na nova cidade,

estudou no Colégio Imaculada Conceição e aos domingos frequentava a missa do Colégio Santo Inácio. Na adolescência, foi interna no Colégio Santa Isabel, em Petrópolis, quando passou a pensar em ser freira. Conclui o curso Clássico em 1943 e ano seguinte inicia seus estudos em Letras Clássicas na recém-criada Universidade Católica do Rio de Janeiro, se formando em 1946. Na faculdade participou do Diretório Acadêmico que exercia atividades políticas, mas sobretudo culturais.

No mesmo ano de seu casamento com Magdalena, em 1962, Miguel Arraes disputou as eleições para o Governo do Estado de Pernambuco. Foi eleito com o 47,98% dos votos válidos, pelo Partido Social Trabalhista (PST), derrotando o usineiro João Cleofas. O governo foi marcado por tensões e conquistas trabalhistas como o Acordo do Campo. Com o golpe civil-militar de 1964, tropas do IV Exército cercaram a sede do governo, o Palácio do Campo das Princesas. Arraes foi preso na tarde do dia 1º de abril. Deposto, foi encarcerado em uma pequena cela do 14º Regimento de Infantaria do Recife, sendo posteriormente levado para a ilha de Fernando de Noronha, onde permaneceu por onze meses. Posteriormente, foi encaminhado para as prisões da Companhia da Guarda e do Corpo de Bombeiros, no Recife, e da Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Após conseguir um habeas corpus foi libertado, ficou alojado na casa de familiares, e em 16 de junho de 1965, embarcou para a Argélia de posse de um salvo conduto, onde viveu catorze anos na condição de exílio.

Uma das atividades desempenhadas por Arraes no exílio foi sua participação como articulista do *Boletim da Frente Brasileira de Informação*, destinado a divulgar notícias sobre torturas e ações repressivas de um governo de exceção praticados pelo regime civil militar no Brasil. Na ocasião, foi formada uma rede que envolveu vários países, estabelecendo-se uma cooperação internacional. Os folhetos eram escritos em várias línguas para divulgar de forma mais ampla possível as denúncias dos atos praticados pelos governantes brasileiros. O boletim recebia forte apoio de suecos, ingleses, holandeses, franceses e italianos. A publicação chegava ao Brasil por vias clandestinas e aqui era distribuída.

Em 1979, Arraes retorna ao Brasil, após a decretação da Anistia. Tratava-se de um momento propício à abertura e avanços de debates sobre a liberdade política, redemocratização e rumos do país, inclusive com a reintegração da participação de exilados nos espaços políticos do Brasil. Na sua chegada ao Recife, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que se projetou politicamente durante o regime civil-militar. Em 1979, Arraes filiou-se ao MDB e, quando o bipartidarismo foi extinto, defendeu a posição de que o partido sucessor do MDB

deveria manter as bases e seguir as mesmas diretrizes como uma frente unida de oposição, contando inclusive com a participação de liberais e moderados. Convidado pelo deputado Ulisses Guimarães, antigo presidente do MDB, Arraes participou dos trabalhos de organização e fundação do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Ainda nos 1980 foi eleito Deputado Federal pelo MDB, governador em 1986 em uma campanha que mobilizou diversos setores da sociedade e se tornou símbolo da redemocratização do Brasil. Após deixar o PMDB, se filiou ao Partido Socialista Brasileiro e conseguiu se eleger pela terceira vez governador de Pernambuco (1994-1998). Posteriormente, continuou na vida pública com forte atuação nacional como deputado federal até o seu falecimento em 2005.

O Instituto Miguel Arraes: institucionalização do acervo e disputas pela memória

O Instituto Miguel Arraes foi criado em 2009 com a intenção de salvaguardar a documentação do acervo pessoal Miguel Arraes. Entretanto em 2020 em meio a pandemia do Covid-19 como o instituto era uma entidade de direito privado diretamente ligada a família de Arraes, alegando dificuldade de recursos para manutenção do acervo, os sócios do IMA decidiram doar todo o acervo para a Fundação Joaquim Nabuco.

O IMA foi instalado na casa onde o ex-governador morou logo após o retorno do exílio até a sua morte, na Rua do Chacon, número 323, no bairro do Poço da Panela em Recife, Pernambuco. A criação do instituto tinha como intenção a preservação da memória do ex-governador, a preservação do acervo documental para pesquisadores, a interação com a sociedade civil, bem como a perpetuação do legado político de Arraes. O processo de criação do instituto e de organização do acervo foi acompanhado pela ex-primeira-dama de Pernambuco, Magdalena Arraes²¹. Em fevereiro de 2014 o acervo foi tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE).

Em 2012 uma parceria com a Fundação João Mangabeira ligada ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) possibilitou a organização de toda a documentação. Sobre a composição do acervo destacamos que foi reunido a partir dos documentos do escritório do ex-governador que ficava no Bairro da Torre na capital de Pernambuco e por meio da colaboração

²¹ Dona Magdalena Arraes nasceu em Fortaleza/CE, passou boa parte da juventude estudando na França retornando ao Brasil na década de 1960, quando em 1962 casou-se com Miguel Arraes de Alencar, mesmo ano em que foi eleito governador do Estado de Pernambuco pela primeira vez. A partir disso, sua trajetória esteve sempre ligada a Miguel Arraes, que esteve à frente do governo de Pernambuco por três vezes: 1962 a 1964; 1987 a 1990; 1995 a 1998. Fonte: <https://www.museudoestadope.com.br/> acessado em 25 de março de 2024.

de amigos e políticos próximos. A documentação reunida no exílio passou a integrar o acervo após a morte de Arraes. Durante alguns anos esta importante parcela do acervo esteve sobre posse, no interior da França, do ex-deputado federal, Márcio Moreira Alves. Após a morte de Arraes a documentação foi enviada ao Brasil e atualmente integra o acervo pessoal Miguel Arraes.

O Acervo Pessoal Miguel Arraes é composto por cerca de 270 mil itens, acumulados entre 1930 e 2005, ano do falecimento de Miguel Arraes. A variada tipologia documental, abrigou desde a biblioteca pessoal de Arraes, composta por cerca de seis mil volumes, sua coleção de discos de vinil, CDs, VHSs, DVDs e fotografias. Documentos pessoais e administrativos produzidos durante sua trajetória política, correspondências, manuscritos, recortes de jornais e revistas. Uma parte do acervo encontra-se digitalizado, principalmente fotografias e correspondências em sua maioria relacionadas com a experiência do exílio. Ainda no IMA, o acervo passou por um sistemático processo de catalogação e sistematização que seguiu a seguinte organização:

- Amarela (Série Diversos – documentação produzida nos primeiros cargos públicos ocupados por Arraes).
- Azul (Série Governo - documentação referente aos três mandatos de Arraes como governador do Estado de Pernambuco, de 1963 a 1998).
- Vermelha (Série Exílio – documentação referente aos anos em que Arraes esteve exilado na Argélia, de 1965 – 1979).
- Verde (Série Política - documentação referente à atividade partidária, no Partido Socialista Brasileiro - PSB).
- Laranja (Série Particular - documentações diversas de interesse particular).
- Dourada (Acervo Especial – textos produzidos sobre e por Miguel Arraes; documentação pessoal, incluindo diplomas, certificados, cópia do dossiê elaborado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), entre outros).

A FUNDAJ e a salvaguarda do acervo de Miguel Arraes

A documentação administrativa da Fundaj registrou a solicitação realizada pelo Presidente do Instituto Miguel Arraes, José Almino, propondo a doação do acervo de Miguel Arraes, prontamente o Diretor da DIMECA a época enviou um comunicado solicitando que a Comissão de Acervos se reunisse para dar andamento ao parecer técnico que iniciaria o

processo²². Na carta enviada para a Fundaj, o filho mais velho de Arraes registrou os motivos que levaram o IMA a realizar a proposta de doação.

Todos sabem da importância do político Miguel Arraes de Alencar para a história do Brasil e, em particular, de Pernambuco. Iniciou sua carreira política como secretário da Fazenda do governador e ilustre brasileiro, Barbosa Lima Sobrinho, aos trinta anos de idade. Foi deputado estadual por duas vezes, prefeito do Recife e governador eleito em 1962. Preso e deposto pelo movimento militar em 1964, esteve exilado por 15 anos na Argélia. De volta ao Brasil anistiado, foi governador de Pernambuco por duas vezes e eleito deputado federal pelo estado em para três magistraturas. Toda essa trajetória do Dr. Arraes - se caracterizou pela defesa intransigente dos interesses das populações mais carentes e pela defesa da liberdade e da democracia, nos mais difíceis momentos da História do País. Uma vida dedicada aos valores democráticos e à justiça social, cujas atividades políticas se prolongaram por mais de 60 anos, gerou um grande contingente de documentos oficiais, públicos e pessoais - textos, cartas, documentos oficiais, fotografias, cartões postais, livros, audiovisuais, objetos pessoais e artes visuais em geral - que devem ser preservados para o aprofundamento dos estudos, das pesquisas e demais atividades que possam ser desenvolvidas em torno de um acervo com essas características e amplitude. Em anexo, o senhor encontrará alguns documentos que representam um testemunho ainda que parcial do imenso valor dessa documentação: "Cronologia de vida de Miguel Arraes", "Dados aproximados do Acervo Miguel Arraes - 2020"; "Objetos do acervo Miguel Arraes"; Cópia do parecer técnico elaborado pela historiadora Dra Socorro Ferraz para a CEPE, sobre o Acervo Miguel Arraes; Nota técnica também preparada pela Dra Socorro Ferraz sobre a parte do acervo referente ao período do exílio de Miguel Arraes. O IMA nasceu com esses objetivos, tendo alcançado êxito em muitas ações e atividades, particularmente no que concerne à conservação e catalogação do acervo. Entretanto, os que fazem o Instituto entendem que se torna cada vez mais difícil desenvolver os projetos, sem recursos públicos, e manter as atividades necessárias para que o acervo alcance, através da pesquisa e da difusão, o potencial que possui em servir como fonte de pesquisa para o conhecimento da história e o enfrentamento dos desafios do futuro. Conhecemos a Fundação Joaquim Nabuco, parceira em muitas iniciativas anteriores, como uma instituição que serve ao Estado brasileiro na tarefa de preservar, organizar, pesquisar e difundir o acervo documental, histórico e artístico de grande valor sob sua responsabilidade. Reconhecemos os serviços que esta Fundação tem desenvolvido durante mais de 70 anos. Assim, em busca de alcançar seus objetivos originais - a preservação e a manutenção do acervo Miguel Arraes como fonte de conhecimento de sua trajetória e de parte importante da história político-social do século XX —, O IMA e a família Miguel Arraes, após muitas reflexões, tomaram a decisão já explicitada de transferir o referido acervo para a Fundação Joaquim Nabuco, tendo valido para isso, não apenas o extremado valor desta instituição, mas também a necessidade reconhecida por nós herdeiros de que esse patrimônio ficasse em Pernambuco. Na esperança que a Fundação reconheça o mérito do que lhe é aqui respeitosamente solicitado, despeço-me, prezado senhor, com os meus agradecimentos antecipados²³.

Os trâmites seguirão normalmente, todo processo foi aprovado pelas instâncias administrativas da Fundação. Um inventário do acervo produzido pela bibliotecária, Sandra

²² Memorando DIMECA, FUNDAJ, Número do Processo, 23130000367/2020-03.

²³ Carta de José Almino para a Fundaj, ofertando o acervo do IMA para doação. 29/06/2020. Memorando DIMECA, FUNDAJ, Número do Processo, 23130000367/2020-03.

Maia, foi anexado ao processo, mas a pandemia da Covid-19 paralisou todas as atividades da instituição. Até que chegou o momento que o imóvel onde se localizava o Instituto, teve que ser desocupado imediatamente porque foi comercializado. Os detalhes da transferência do acervo durante a pandemia, serão tratados na **Atividade 2**.

Detalhamento

Série Exílio	Acervo Arquivístico	Objetos Tridimensionais	Acervo Bibliográfico
<ul style="list-style-type: none"> • Boletim informativo e diversos (14 caixas) • Correspondências (18 caixas) • Documentos (36 caixas) • Recorte de Jornais (9 caixas) 	<ul style="list-style-type: none"> • Slides/ Negativos (1.803 itens) • Fotografias - família, governos e exílio (12.950 itens) • Jornais (2 caixas) 	<ul style="list-style-type: none"> • Placas (81 itens) • Medalhas (41 itens) • Bandeiras, chapas, broches/ bottons de campanha (7.740 itens) • Camisetas (20 itens) • Diplomas, medalhas e abotoaduras (80 itens) 	<ul style="list-style-type: none"> • Periódicos (86 itens) • Livros - Biblioteca Particular (3.096 itens) • Livros doados (92 itens) • Livretos (880 itens)
Total	Total	Total	
18 caixas	14.753 itens (fotos e slides) 2.000 itens (jornais)	7.962 itens	4.154 itens

A partir deste levantamento gostaríamos de sugerir algumas iniciativas que visem facilitar a organização e o acesso dos pesquisadores aos documentos do acervo:

1- O acervo de Miguel Arraes se encontra ainda em instalações provisórias, necessitando de um trabalho de higienização e catalogação, além de um acondicionamento e salvaguarda em temperatura ideal.

2- Realização de um inventário completo do acervo Miguel Arraes, tomando por base o termo de doação.

3- Tendo por base um novo inventário do acervo, realizar a produção de um parecer técnico, elaborado por um pesquisador (a) da Fundaj. O parecer deve realizar um estudo comparativo entre o termo de doação.

4- Realizar uma indexação e digitalização de todo o acervo.

5- Disponibilizar o acervo para estudantes, pesquisadores e interessados pelo personagem de forma a promover o acesso para pesquisas.

Vale salientar o esforço institucional da Fundaj que contratou especialistas que têm realizado um trabalho de indexação neste primeiro momento das inúmeras fotografias do acervo.



Fotografias das Instalações do acervo Miguel Arraes - Fundaj

Atividade 2

No que concerne a **Atividade 2**, foram realizadas entrevistas com o corpo técnico da Fundaj e técnicos que atuaram no Centro Josué de Castro ou no Instituto Miguel Arraes. As entrevistas se constituem como um instrumento fundamental para registro e discussão sobre a história dos dois acervos pessoais em análise. A metodologia utilizada foi a história oral, as entrevistas temáticas foram produzidas com um roteiro estabelecido por meio de perguntas centradas nos objetivos do **Produto 1**. As análises dos relatos orais seguiram a ótica de não privilegiarem apenas a memória individual, mas de entendê-la como universo da memória coletiva e social. Afinal, compreendemos que todo acervo possui uma lógica na sua própria constituição, mas as marcas de um processo de institucionalização, mobilizam novos sentidos para a documentação.

Por meio das entrevistas foi possível acessar informações sobre os acervos que não se encontram registradas nos documentos oficiais como termos de doação, listagens, levantamentos e sistemas de catalogação. As negociações para salvaguarda desses acervos, e detalhes sobre a dimensão memorialística com que foram intencionalmente constituídos pelos seus titulares. As entrevistas possibilitaram compreender o sentimento de pertencimento e de monumentalidade cultivado não raramente por familiares.

Ao analisarmos as entrevistas percebemos uma semelhança no processo de institucionalização dos dois acervos. Em momentos distintos centros de memória e institutos foram criados visando salvaguardar esses acervos pessoais. Conforme discutimos anteriormente, o Centro Josué de Castro, fundado em 1979, não por integrantes da família Castro, mas por intelectuais, muitos recém anistiados. O CJC integrou o espectro de organizações não-governamentais e desempenhou atividades de cunho social para além das políticas de acervo. Já o Instituto Miguel Arraes foi pensado como instituição nos idos da década dos anos 2000 a partir da própria família Arraes e esteve atrelado ao legado político do ex-governador.

No Brasil não são raros os casos de instituições que foram criadas com finalidades semelhantes ao IMA e ao CJC que passaram por dificuldades orçamentárias. Vale salientar o papel que essas instituições tiveram no sentido de preservar e sistematizar os documentos desses acervos pessoais. A seguir apresentamos um quadro com informações sistematizadas das entrevistas.

Quadro de entrevistados:

Nome	Data / local da entrevista	Função Atual	Aproximação com o acervo
Sandra de Souza Maia	06/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE	Técnica / Bibliotecária	Miguel Arraes
Albertina Otávia Lacerda Malta	10/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE	Pesquisadora / Historiadora	Miguel Arraes
Rita de Cássia Araújo	16/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE	Pesquisadora / Historiadora	Josué de Castro
Lino Madureira Ferreira	29/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE	Técnico / Bibliotecário	Josué de Castro

A partir da análise dos relatos orais de memória selecionamos informações que consideramos fundamentais para a história desses acervos. Tendo em vista, a necessidade da Fundaj de pensar ações e possibilidades de gestão documental que tenham impacto na preservação, conservação e catalogação.

Entre o Centro Josué de Castro e a Fundação Joaquim Nabuco: aspectos documentais

O bibliotecário Lino Madureira é formado pela UFPE e mestre em Gestão pública para o desenvolvimento do Nordeste pela mesma Universidade. Atua com a gestão de acervos digitais na Fundaj e ao longo da sua trajetória profissional teve a oportunidade de acompanhar dois momentos de institucionalização do acervo de Josué de Castro. Lino Madureira atuou no processo de catalogação da documentação no CJC e posteriormente após se tornar servidor público, acompanhou o processo de doação do acervo para a Fundaj. Em sua entrevista discute as políticas de acervo e as diversas solicitações que diversas instituições da Região Nordeste fazem a Fundaj com a intenção de doação de acervos.

As instituições, num determinado momento, procuram a Fundação Joaquim Nabuco. Elas querem a Fundação como parceira, porque seja numa contrapartida técnica ou tecnológica, do que é que a Fundação pode oferecer para essas instituições, para que as instituições

preservem seus acervos. Então isso é recorrente com quem tem acervo. E sendo a Fundaj uma instituição que tem uma bagagem, um lastro técnico, tecnológico, na gestão de acervos, é natural que na região, no estado e na cidade, eu amplio para a região porque a gente recebe também às vezes algumas demandas de estados mais próximos, como Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas. O tratamento técnico pela política de acervo da instituição tem quatro níveis. No primeiro nível entram as atividades de higienização, acondicionamento e armazenamento. Às vezes, o armazenamento está aqui, mas não fizemos nem a higienização, nem o acondicionamento. Mas pelo menos, armazenamos em um local adequado. Esse já é um tratamento que estou dando para essa documentação. Depois vem um segundo nível de tratamento, classificação e ordenação dos documentos, onde estão as atividades mais técnicas de registro e catalogação. O terceiro nível é a digitalização. Mas a linearidade não existe, porque em algumas situações, posso passar pela higienização e digitalizar, e depois voltar para uma rotatividade. Isso depende da dinâmica, do tamanho do acervo. E o quarto nível, que não é para todos os documentos, é a restauração quando há necessidade. Então posso, por exemplo, da higienização pular para a restauração. Ninguém vai mexer nesses documentos antes deles serem restaurados. Às vezes o acervo pode seguir um fluxo mais natural. Higienizar, acondicionar, registrar, catalogar e restaurar²⁴.

O entrevistado explica os níveis de tratamento dos acervos e detalha a política institucional de gestão documental da instituição. A narrativa demonstra a preparação da Fundaj para receber, acondicionar e tratar os documentos. Esta salvaguarda garante melhores condições de acondicionamento do que o local de origem, mesmo que a documentação entre em um passivo para ser tratada. Em outro momento da entrevista Lino Madureira relembra a doação do Acervo do CJC para a Fundação Joaquim Nabuco.

Essa articulação para a chegada do acervo para a Fundação, inicialmente, parte da necessidade do próprio Centro Josué de Castro, não tendo mais condições de manter esse acervo preservado, disponível. O acervo de José de Castro foi doado pela família para o CJC, mas posteriormente o Centro queria fazer uma doação para a Fundação. Só que a família quando doou, não doou para a Fundação. Então isso requer uma costura para dizer: não vai ficar mais comigo. O que vai fazer? A família já tinha uma relação com o Centro bem estruturada, precisava construir uma nova relação agora com a Fundação Joaquim Nabuco. Então, essa passagem do acervo para a Fundação, ela requer esse trato. Atendendo às ansiedades da família, e as possibilidades de execução. Porque essa Fundação tem um acervo gigantesco. Esse é um desafio importante de que o acervo simplesmente chegue e fique ali parado. Porque estou falando de Josué de Castro, mas só de acervos fotográficos são mais de 250 fundos ou coleções. Pessoas, assuntos, isso precisa ser mapeado da mesma forma. Os textuais também em torno de 200. Agora, manter o acervo é difícil, imagine agregar valor a isso? É uma camada intangível de agregação de valor fora da cadeia do tratamentotécnico²⁵.

A narrativa do entrevistado demonstra os desafios que Centros de Memória e de Documentação possuem para manter suas coleções e acervos. Este foi o caso do CJC e de

²⁴ Entrevista com Lino Madureira, 29/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE.

²⁵ Idem, Ibidem

muitas outras instituições que passaram por dificuldades orçamentárias e não conseguiram dar continuidade aos trabalhos. Ao mesmo tempo, a entrevista denota a dimensão jurídica que envolve o processo de doação de um acervo pessoal/privado. Neste caso, especificamente, os trâmites entre o CJC, a família do titular e a Fundaj. Essa dimensão jurídica dos acervos pessoais envolve questões voltadas para o direito autoral, direito de imagem e principalmente direitos conexos. Tendo em vista que um acervo pessoal possui uma tipologia documental variada que certamente envolve terceiros. Este é um cuidado que a instituição que salvaguarda estes documentos precisa manter como política. Em outra entrevista discutimos as especificidades da doação do acervo Josué de Castro para a Fundaj.

A historiadora Rita de Cássia Araújo, doutora em história pela USP, pesquisadora da Fundaj e no campo da história reconhecida pelos seus trabalhos de referência sobre o Carnaval, nos concedeu uma entrevista em que discutiu amplos aspectos do acervo pessoal de Josué de Castro. É importante salientar que Rita de Cássia Araújo na época do processo de doação produziu um parecer técnico citado anteriormente neste trabalho quando apresentamos o Acervo Pessoal Josué de Castro²⁶. Além de ter produzido textos que problematizam a documentação do referido acervo. Sobre o processo de doação do acervo comenta.

O acervo chega pra gente em dezembro, formaliza-se a doação em dezembro de 2011. Na época era Diretora de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco. Estava subordinada ao CEHIBRA. Então, fui procurada pelo Centro José de Castro e quem estava à frente, era o sociólogo José Arlindo Soares e a esposa dele, Nancy Lourenço me procuraram para explicar a situação. Informaram que o CJC estava passando por muitas dificuldades financeiras para se manter, e perceberam que o acervo não estava em condições de conservação adequada. Então, eles vieram procurar a Fundaj porque identificaram que seria o local ideal para que esses documentos ficassem bem assegurados. E as conversas foram evoluindo muito tranquilamente, eles fizeram a mediação com a família. Aí foi quando conhecemos Josué Fernando de Castro, e toda a nossa relação com a família se deu a partir dele. Não tivemos contato direto nem com Anna Maria Castro, nem com Sônia Castro. Mas foi uma doação muito tranquila. Acho que a família respeitou muito essa questão do Josué de Castro, desse enraizamento dele com Pernambuco, desse pertencimento, como ele mesmo diz, "teluricamente" ligado a Pernambuco. Porque havia outras instituições interessadas no acervo, mas eles mantiveram e acataram muito a sugestão do Centro José de Castro. O acordo foi rápido entre as partes e tudo transcorreu muito tranquilamente. Da parte do centro, um funcionário nosso, Lino Madureira, que antes de entrar na Fundação, havia trabalhado no CJC. Então tinha uma noção de como a documentação foi organizada. Porque eu soube que houve uma mudança na catalogação, na forma de organização. Depois na Fundação, a gente manteve essa estrutura herdada da catalogação do Centro José de Castro²⁷.

²⁶ Processo 23101000936/2011, FUNDAJ/CEHIBRA.

²⁷ Entrevista com Rita de Cássia Araújo, 29/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE.

A entrevista ressalta a normalidade do fluxo do processo burocrático para doação do acervo com entendimento entre as partes interessadas. Desde aquele momento, o filho mais velho de Josué de Castro, Josué Fernando de Castro, tem sido um importante interlocutor com a Fundaj e com pesquisadores que se dedicam aos estudos sobre a vida e a obra do intelectual pernambucano. Outro aspecto fundamental destacado pela entrevistada foi a presença do bibliotecário Lino Madureira que com sua expertise e conhecimento anterior do acervo, pode ajudar substancialmente no recebimento do acervo. O antigo Presidente do CJC, José Arlindo Soares e a sua esposa Nancy Lourenço até o presente integram a instituição que tem realizado parcerias para divulgação da obra de Josué de Castro em projetos com escolas públicas. No decorrer da entrevista, Rita de Cássia Araújo destaca as ações que já foram realizadas e o estágio atual do Acervo Josué de Castro.

Agora que a gente está passando por um inventário geral mais cauteloso na Fundaj, podem haver mudanças nesse arranjo arquivístico. Quando o acervo chegou aqui, a primeira medida tomada, mais emergencial, era a questão da preservação. Ele estava extremamente ressecado, os papéis estavam muito sujos, precisando de higienização, que é a etapa inicial de qualquer tratamento técnico. Então foi necessário realizar a higienização e o acondicionamento dessa documentação, tanto dos livros quanto da documentação textual. Já a parte museológica era muito restrita, inclusive não era de grande interesse do museu, que é o responsável por essa parte de objetos tridimensionais. Então, não entrou como um acervo. Algumas poltronas, e cadeiras, umas coisas assim, fora a maletinha, e um telefone que encontra-se no acervo. A gente recebe os documentos em 2012, e foi feita a contratação de uma empresa para se dedicar ao tratamento do acervo, a higienização, a pequena organização que eles fizeram por pastas, que também eu não acompanhei, quem coordenava esse projeto à época era Antônio Montenegro (*in memoriam*), que estava fazendo o laboratório, e acondicionou todas essas documentações. Desse momento até hoje, ficou um pouco adormecido, agora estamos voltando a trabalhar nesse acervo. Isso em termos de tratamento técnico. Foram feitas as digitalizações das fotografias, mas com muita dificuldade para identificar. Aquelas figuras que aparecem ali, os locais, o evento em que acontece. Houve uma tentativa nossa logo de imediato com Betty Lacerda, conversando com o José Fernando para tentar identificar, mas o resto ficou praticamente parado conforme a gente tinha feito a primeira etapa de tratamento técnico. Nesse período de mudança de governo, houve desmonte das instituições públicas, agora que estamos recuperando isso, em termos de tratamento técnico. Nesse meio tempo foram feitas algumas atividades de produção de conhecimento, de debate, de circulação das ideias do José de Castro. Algumas coisas foram feitas muito em parceria com o Centro Josué de Castro, porque eles tinham isso muito claro, o aniversário natalício dele, em setembro. Eles sempre faziam algum evento. Houve sessões de filmes que tinham interface com o Josué de Castro, seguida de debate. Depois, fizemos essa escultura do caranguejo, que é do artista plástico Joaquim Augusto Ferrer, fizemos exposições virtuais, exposições físicas, debate, associando com a questão do *Manguebeat*, formação de professores. Foi naquele momento que estava começando um dinamismo, depois do tratamento técnico, isso é em torno de

2016, mas aí veio o golpe, aquela questão toda e foi toda uma interrupção. O acervo de Josué de Castro não ficou visto como prioridade²⁸.

Vale salientar que a Fundaj recebeu o acervo Josué de Castro de forma integral, mas com a necessidade urgente de um processo de higienização que como a entrevistada foi devidamente realizado meses após a doação do acervo. Nesse sentido, constatamos que o processo de doação significou de fato a salvaguarda e a manutenção dos documentos. Além da disponibilização do acervo para consulta. A digitalização das mais de 600 fotografias foi um processo fundamental, mas as dificuldades para identificá-las, demonstram a necessidade de um projeto específico para este conjunto documental. A entrevistada ainda narra as diversas atividades que foram realizadas até 2016, ano que ficou marcado na história do Brasil pela interrupção de uma experiência histórica de fortalecimento das instituições públicas e de valorização de políticas de memória. Posteriormente, Rita de Cássia Araújo, narra os projetos mais recentes e o novo Plano de Gestão do acervo que terá duração de dois anos.

Recentemente temos algumas providências efetivas, que incorporam essas tentativas de reaproximação e de trazer uma fração do acervo que ainda permanece em posse da família. Além dos contatos telefônicos, eu e o diretor da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte (DIMECA), Túlio Velho Barreto, fomos ao Rio de Janeiro em novembro de 2023. Nós estivemos com José Fernando de Castro, para conversar e mostrar a disposição da instituição de se dedicar a Josué de Castro. E nisso ficamos de fazer um plano de gestão do arquivo Josué de Castro com a previsão de dois anos, para que a família tenha um norte do que iremos fazer nesse período. É o tempo de duração da atual gestão, o que não significa que isso vai ser interrompido. Nesse processo, a gestão me indicou para ficar na Coordenação deste plano. A gente fez a proposta para a família e eu não sei ainda do resultado²⁹.

O interesse por parte da Fundação Joaquim Nabuco na aquisição da parcela do acervo pessoal de Josué de Castro que ainda se encontra em posse da família Castro, reforça a dimensão pública e o interesse da sociedade pela documentação de um dos principais pensadores do pensamento social brasileiro. É urgente que o acervo possa finalmente se integralizar, proporcionando para os pesquisadores uma visão mais ampla sobre a documentação e sobretudo, facilitando o planejamento da Fundação Joaquim Nabuco no planejamento de ações e na busca por financiamento que fortaleçam o âmbito da preservação e da difusão desse patrimônio.

²⁸ Idem, ibidem

²⁹ Entrevista com Rita de Cássia Araújo, 29/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE.

Um acervo pessoal em construção: memórias de um conjunto documental

A bibliotecária formada pela Universidade Federal de Pernambuco, Sandra Maia³⁰ iniciou os trabalhos com Miguel Arraes no segundo governo entre 1986 e 1990. Já naquele momento, passou a trabalhar no gabinete do governador a se dedicar na catalogação, organização dos documentos administrativos e das correspondências recebidas. Em sua entrevista narrou os caminhos de uma parte significativa da documentação que iria integrar o Acervo Pessoal Miguel Arraes. Sobre o período em que trabalhou como bibliotecária do Palácio do Campo das Princesas no gabinete do governador afirmou:

Às vezes, a grande maioria dos secretários deixava sempre algum documento. E, assim, eu fui organizando. E foram mais de quatro anos. Então, a documentação foi crescendo e a gente teve o cuidado de, quando saiu de lá, copiar muita coisa. Eu mantinha dois armários cheios de documentos, tudo organizado nessas pastas box e registrei tudo, tinha o controle. O que você precisasse estava ali.³¹

A partir do relato de Sandra Maia foi possível compreender que tanto ao final do segundo governo houve a preocupação dos assessores e do próprio Arraes na salvaguarda da documentação administrativa corrente, tendo inclusive, realizado a cópia dos documentos oficiais do Estado. Quando Arraes deixou o Palácio do Campo das Princesas em 1990, a documentação produzida durante o governo foi acondicionada em um escritório político que Miguel Arraes manteve no bairro da Torre em Recife-PE, novamente com a presença de Sandra Maia. Posteriormente, no terceiro governo Arraes, Sandra Maia, voltou a trabalhar no gabinete da Casa Civil, que à época era chefiado por Vanja Campos e continuou acompanhando a produção e organização dos documentos.

Como relatamos anteriormente durante alguns anos, as correspondências, o *Boletim da Frente Brasileira de Informações*, livros e outros documentos, estiveram sobre posse, no interior da França, do ex-deputado federal, Márcio Moreira Alves³². Desse modo, após a morte

³⁰ Atualmente Sandra Maia continua trabalhando no acervo de Miguel Arraes, especificamente, na catalogação e indexação das fotografias. Acreditamos que a iniciativa do Centro de Documentação e Pesquisa (Cdoc) da Coordenação do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade (Cehibra) visando a contratação de especialistas no acervo de Miguel Arraes tem colaborado significativamente para adequação da documentação aos parâmetros da Fundaj.

³¹ Entrevista com Sandra Maia, 06/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE.

³² Foi eleito deputado federal em 1966, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), depois de denunciar a ocorrência de torturas contra opositores foi cassado pelo Ato Institucional No 5, retornando ao Brasil em 1979. Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/marcio-moreira-alves/> acessado em 10/05/2024.

de Arraes a documentação foi enviada ao Brasil e passou a integrar o acervo do IMA. Os documentos organizados por Sandra Maia foram posteriormente somados a outros conjuntos documentais do terceiro governo, do exílio e dos últimos mandatos de Arraes como Deputado Federal. Ao rememorar os tempos em que trabalhou ao lado do ex-governador, a sua relação com o acervo, lembrou de detalhes da *Série Exílio*:

Eu pouco acompanhei da vida dele, porque antes realmente não o acompanhava, depois que entrei no governo, li muito. Em contato com os documentos, tinha horas que eu começava a ler as coisas, e pensava não posso ler mais não, eu tenho que trabalhar. Então, o acervo do exílio diz muita coisa sobre ele, muitas preocupações. Ele tem uma história que queria até criar uma rádio para divulgar as informações do exterior pra cá. As cartas têm muitos cognomes, tem muita coisa, mas não é um pra ser outro. As cartas trazem a preocupação humanitária de Dr. Arraes.³³

A entrevistada não esconde a admiração ao "Dr. Arraes" como sempre o nomeia no decorrer da narrativa. Mas demonstra um contato privilegiado que teve com a documentação e sobretudo o conhecimento sobre os temas da *Série Exílio* que tem uma importância fundamental para compreensão das redes políticas que Arraes manteve e construiu nesse período. As correspondências ativas e passivas relatam preocupações do ex-governador com os rumos da política do Brasil, do Oriente Médio, e do Continente Africano que se destacam pelos contatos com lideranças políticas que atuaram nos processos de independência das ex-colônias portuguesas durante a década de 1970. As conexões e a circulação de ideias e as possibilidades políticas para o Brasil surgem como temas presentes. Como já foi tratado anteriormente, a constituição do IMA foi fundamental para a preservação do acervo. Em sua entrevista, Sandra Maia relatou a presença de Dona Magdalena Arraes no IMA:

Então, Dona Magdalena sempre dizia que o acervo era considerado público. Então, quem fosse pesquisar, poderia acessar qualquer coisa que quisesse. Ela tinha essa preocupação. Ela dizia, a documentação não é nossa, é do público. Ela sempre estava por lá e se preocupava com tudo³⁴.

Em meio as memórias, Sandra Maia destacou que nos primeiros passos do IMA houve dois processos de digitalização, um primeiro que contou com o apoio da Companhia Editora de Pernambuco (CEPE) e da Fundaj iniciada em 2014, e um segundo momento que foi financiado pela Fundação João Mangabeira, entidade ligada ao Partido Socialista Brasileiro

³³ Entrevista com Sandra Maia, 06/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE.

³⁴ Idem, *ibidem*.

(PSB), mas que não houve finalização. A entrevistada ainda recordou a produção de um livro intitulado *Arraestaqui: Miguel Arraes em charges de 1979 a 2002*³⁵ de autoria do chargista Lailson de Holanda Cavalcanti que reuniu diversas charges relacionadas com o ex-governador que foram publicadas nos jornais locais. Este livro foi produzido a partir do acervo do antigo IMA. Consideramos um importante exemplo de como articular o acervo documental com linguagens alternativas que tragam visibilidade e possibilidades de diálogo mais amplo com a sociedade. Passaremos agora a analisar outra entrevista que tratará especificamente do processo de doação do acervo do IMA para a Fundação Joaquim Nabuco.

O Acervo Pessoal Miguel Arraes chega a Fundaj: memórias e desafios

A historiadora formada pela Universidade Católica de Pernambuco e mestra em Ciências da Informação pela UFPE, Albertina Otávia Lacerda Malta (Betty Lacerda), iniciou os seus primeiros passos na instituição nos anos 1980 como bolsista do historiador e geógrafo Manuel Correia de Andrade, posteriormente como pesquisadora tornou-se uma importante referência no trato da fotografia como fonte documental. Após ter passado alguns anos se dedicando aos trabalhos de gestão, retornou ao setor de Iconografia onde atua na catalogação e organização arquivística. Betty Lacerda participou dos processos de doação de vários acervos que atualmente compõem o CEHIBRA. Na entrevista destacou o perfil da Fundaj no que diz respeito aos processos de recebimento ou aquisição de arquivos privados, bem como o caminho burocrático que viabilizou a doação.

Para entender o processo. Então, de repente, uma determinada instituição tem interesse de doar para a Fundação. Essa instituição, seja pessoa física ou pessoa jurídica, procura a Fundaj, vai ser emitido um parecer técnico para ver se realmente interessa ou não. Aí vai em busca de recursos para ver também se existe a possibilidade de uma doação sem ônus. Doação é questão popular, mas tem que haver a provocação da instituição, ou do titular, ou do descendente do titular da coleção, do artista, do intelectual. É ele que começa o processo, manda um ofício, uma carta, um e-mail para a instituição, seja para o Diretor, seja para o Presidente, mandam e dizem, nós temos um acervo, se possível, um pré-inventário constante disso, que foi toda a vida profissional e pessoal do meu pai, um escritor, um pintor, um artista, um político, relaciona e diz: nós temos o interesse de que seja doado a Fundaj. Esse é o primeiro passo. O setor que recebe a presidência, a direção, provoca a comissão, que se chama Comissão Permanente de Aceitos (CPA) e tem sempre membros de várias áreas, da área de documentação, de cultura, de administração. A Comissão se reúne e vai analisar o conteúdo, o perfil desse acervo, a importância, e uma coisa também que não se pode esquecer, do montante de tempo, de trabalho e de custo para a organização do acervo. Às vezes você tem um acervo que é muito importante, mas ele é

³⁵ CAVALCANTI, Lailson de Holanda. *Arraestaqui: Miguel Arraes em charges de 1979 a 2002*. IMA: Recife-PE, 2008.

monumental, vai exigir da instituição um aporte financeiro e de pessoal, que, por exemplo, a instituição não tem. E isso requer uma equipe interdisciplinar, de conservação, do espaço físico, das boas condições de preservação, de conservação, acondicionamento, depois para catalogação, digitalização e informatização³⁶.

Compreender do ponto de vista institucional como a Fundaj constrói uma política de recebimento de arquivos privados é fundamental para a análise que estamos realizando neste relatório. Betty Lacerda acompanhou enquanto gestora a doação do acervo de Miguel Arraes, quando houve o encerramento de atividades do Instituto Miguel Arraes (IMA). Durante a entrevista narrou como a Fundaj foi provocada para que recebesse esse acervo, bem como destacou o estado de conservação que os documentos se encontravam. Em sua entrevista enfatizou que a casa de abrigava o IMA era um ambiente favorável para a continuidade das atividades deste importante centro de memória. Quando o IMA ainda estava em funcionamento, Betty Lacerda, outros pesquisadores e técnicos da Fundaj, realizaram algumas visitas técnicas e em uma delas receberam a informação de que existia a intenção por parte da família de realizar a doação do acervo.

Era um ambiente, meu Deus, que acho que qualquer pesquisador se encantaria. Eu visitei, com Rita de Cássia, Lino Madureira e outras pessoas. O IMA ainda estava em funcionamento e com o apoio da Fundação João Mangabeira, mas que já estava com alguns problemas. Nós fomos chamados para dar um apoio na digitalização de alguns conjuntos. Então, a Fundaj digitalizou, por exemplo, a parte do exílio. Depois nós participamos da digitalização de alguns conjuntos fotográficos, mas principalmente a parte do exílio. Então já estávamos com essa parceria com o IMA, o Instituto Miguel Arraes, há algum tempo. E a presidência do IMA era o Dr. Antônio Campos, mas permanecia caminhando. E numa das ocasiões, as próprias pessoas que trabalhavam lá, e também tinham membros da família que diziam: olha, temos certeza de que não teremos muito tempo para permanecer. Eles já estavam sinalizando dificuldades. Apesar de que naquele momento, eles tinham conseguido também outra parceria com a CEPE. Era o governo de Eduardo Campos e avançaram nesse processo. Então, mesmo depois da morte de Eduardo, mesmo depois no governo de Paulo Câmara, a CEPE, e a Fundaj continuaram o processo de digitalização. Mas chegou um momento em que houve uma mudança no IMA. Assumiu um dos filhos mais velhos do Miguel Arraes, que foi José Almino, muito querido, muito amigo. E eles nos chamaram, nos chamaram para conversarmos novamente. Então eu fui também, eu já era coordenadora e fomos novamente conversar. E a casa estava lá, impecável com a bibliotecária Sandra Maia à frente. Eu acho que estava Maria Falcão também, não sei. Então, nós fomos e mais uma vez visitamos todos aqueles ambientes. Eu me lembro que eu perguntei se eu podia fotografar, e fotografei, sala por sala. E aí José Almino abriu o jogo e disse: olha, a gente não tem mais condição. Eu já estou num processo de convencimento dos demais filhos da doação. Então eu expliquei a José Almino, como era

³⁶ Entrevista com Betty Lacerda, 10/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE.

o trâmite. Você tem que provocar a Fundaj, fazer uma carta, relacionar com Sandra esse pré-inventário que contenha o quantitativo e oferecer. Não há dúvidas, eu tenho certeza que não haverá dúvidas. A instituição abriu os braços para receber esse acervo.

A entrevistada narra algumas visitas técnicas realizadas no IMA, os avanços no processo de digitalização, o apoio da própria Fundaj, da CEPE nesses projetos, bem como a conjuntura política favorável para o partido do ex-governador Miguel Arraes, o PSB, que governou o estado por 20 anos. Apesar dos esforços, o IMA não conseguiu sobreviver ao período da pandemia. O processo de doação avançou e foi amplamente documentado, seguindo os trâmites comentados por Betty Lacerda conforme relatamos anteriormente quando discutimos o item *Arquivo Pessoal Miguel Arraes: história e especificidades*³⁷. Vale ressaltar que a transferência do acervo se deu em meio a pandemia da Covid-19, decretada aqui no Brasil no dia 11 de março de 2020.

Veio a pandemia, mas o processo caminhou. A doação foi aceita, passou pela comissão. Então, fui lá, era um dos filhos de Arraes que me recebia, abria, fotografei tudo novamente. E com a relação na mão, fui dizendo, mostrando. Olha: "isso aqui vai, isso vem, isso aqui, isso ali. Somente um dos filhos é que viria, talvez, tirar algumas obras de arte, uns quadros. Então, preciso que se coloque, formalmente, o que é que vai ser doado e o que ficará com a família". Então, esse processo estava já sendo agendado, esperando só a assinatura do termo de doação, para poder marcar com a nossa equipe de higienização e manutenção, para poder marcar carro, que seria uma coisa realmente bem trabalhosa, delicada de começar a embalar e trazer para a Fundaj, principalmente para não perder a organização original. Uma sala tinha um nome, todas aquelas caixas que tinham sido feitas, um trabalho de conservação muito interessante, até por Susana Omena, da parte documental do primeiro governo, segundo governo. Classificação por cores. Tinha muita coisa organizada e a gente não queria perder aquilo. A biblioteca era setorial, o que era sociologia, economia, política. Acho que antes da pandemia, um dos filhos de Arraes me telefona e diz: "Olha, temos que avançar porque a casa foi vendida e nós temos que desocupar em tantos dias. Quando ele disse isso, a pandemia vem e fecha tudo. E uma equipe de colaboradores de higienização, eles são históricos, foram heróis. Nós fomos todos paramentados, tudo fechado, a fundação fechada com tapume, e nós fomos com máscaras novas. Mas tivemos um grande susto quando chegamos. A maior parte do acervo, senão aquelas das estantes de aço, onde estavam as caixas classificadas por cores, que eram primeiro governo, segundo governo, de Dona Magdalena Arraes, ainda estava tudo nas estantes. Mas nas salas, tudo tinha sido retirado e colocado em sacos, de uma forma atabalhoada, porque era pressa da entrega da casa. Eu digo isso com muito constrangimento. Mas faz parte do processo. E você como uma historiadora, uma técnica em acervos. Eu fiquei sem saber o que eu iria fazer. Então, eu tive

³⁷ Memorando DIMECA, FUNDAJ, Número do Processo, 23130000367/2020-03

que trazer do jeito que estava. Haviam, por exemplo, discos que tinham 76 pastas. Nenhum disco estava mais lá. As fotografias, muitos álbuns estavam vazios³⁸.

O relato da entrevistada nos ajuda a compreender a complexidade da transferência de um acervo em meio a uma pandemia. Além da situação material que o acervo foi encontrando. Desse modo, a Fundaj terá que contabilizar a partir da listagem original do IMA aquilo que foi preservado e o que foi descaracterizado. Portanto, Betty Lacerda produziu em seu trabalho de memória uma radiografia importante, não só do acervo de Miguel Arraes, mas sobretudo do perfil CEHIBRA para salvaguardar acervos privados/pessoais. É importante ressaltar que o acervo de Miguel Arraes traz uma parte significativa da história do Brasil e que a necessidade de preservação da classificação original deve ser uma preocupação central nas futuras intervenções.

Em outro momento da entrevista, Betty Lacerda lembra a possibilidade de diálogo da documentação do Acervo Miguel Arraes com outra coleção fotográfica intitulada Miguel Arraes que registra significativamente um período e temas que a documentação advinda do IMA é mais rarefeita. Esta coleção³⁹ retrata a vida política e social dos anos de 1959 a 1964, principalmente no que se refere à vida do governador e prefeito do Recife Miguel Arraes. As fotografias registram os movimentos dos trabalhadores rurais como as ligas camponesas, o movimento estudantil de Pernambuco e do Brasil, bem como as agitações políticas do período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964. A seguir apresentamos alguns registros fotográficos da realização das entrevistas.

³⁸ Entrevista com Betty Lacerda, 10/05/2024, Fundaj, Apipucos, Recife-PE.

³⁹ NOME DA COLEÇÃO MIGUEL ARRAES DE ALENCAR, SIGLA: MAr, TOTAL DE DOCUMENTOS: 261 unid. FORMA DE AQUISIÇÃO Doação DATA 29/03/96, NOME DO CESSIONÁRIO FASE (Fed. de Órgãos p/ Assist. Social e Educacional) TEMAS DA COLEÇÃO: Miguel Arraes e família, Campanha eleitoral para governo de PE, Política nacional (panorama da política do período de 59 a 64), Sindicatos rurais e ligas camponesas durante o período, Arraes durante o mandato (o cotidiano do governador), Movimento estudantil.

Registros fotográficos das entrevistas



Entrevista com Sandra Maia



Entrevista com Lino Madureira

Atividade 3

Nesta Atividade 3 elaboramos um documento técnico apontando as possibilidades de interfaces, convergências e divergências temáticas constantes nas coleções Josué de Castro e Miguel Arraes com foco nas décadas de 1950-1970. No decorrer da pesquisa, identificamos e detalhamos os documentos, mas buscamos o diálogo mais amplo com outros acervos da Fundação Joaquim Nabuco.

Inicialmente gostaríamos de enfatizar a dimensão pública e social dos acervos de Miguel Arraes e Josué de Castro. Os documentos que compõem estes dois acervos, possuem um valor histórico incomensurável, pois retratam momentos significativos da história do Brasil e por esse motivo não devem ser pensados apenas a partir do plano individual dos seus titulares. Do ponto de vista teórico e metodológico pensamos a partir das prerrogativas do historiador François Dosse quando se dedicou à escrita das trajetórias de dois importantes filósofos. Na obra intitulada *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*⁴⁰ nos ajuda a pensar a indissociabilidade entre a dimensão política e intelectual. Josué de Castro, um sujeito que se aproxima do conceito clássico de intelectual, mas que também teve uma atuação político-partidária que colaborou com a dimensão pública das suas ideias. Enquanto Miguel Arraes, reconhecido pela prática política, possui inúmeras aproximações com as atividades essencialmente intelectuais. Essas duas trajetórias de personagens reconhecidos na História do Brasil possibilitam pensarmos eixos-temáticos destinados aos objetivos deste trabalho.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa apresentou algumas dificuldades. A primeira delas está centrada nas biografias dos dois sujeitos. Josué de Castro se tornou um intelectual reconhecido e um político atuante entre os anos 1940 e 1960. Mas deixou o país, o cargo de deputado federal para se dedicar à diplomacia em 1962, e faleceu precocemente no exílio em 1973. Já Miguel Arraes, ascendeu na vida pública entre o final das décadas de 1950 e de 1960. Tendo o exílio e a Anistia como possibilidade de dar continuidade à sua atuação política. Desse modo, compreendemos que a produção documental e a constituição desses acervos não podem ser pensadas de forma dissociada da biografia desses dois personagens⁴¹.

⁴⁰ DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

⁴¹ Destacamos que a análise quantitativa dos acervos foi realizada Atividade 1. Naquele momento, detalhamos as especificidades dos dois acervos.

Por esse motivo, cabe justificar que os acervos isoladamente possuem um potencial imenso para a proposição de produtos e ações. Mas quando colocados em diálogo, necessitam de um trabalho de pesquisa mais detalhado que em alguns momentos pode se tornar inexequível, devido às lacunas documentais encontradas.

Conforme já explicitado, o Acervo Pessoal de Miguel Arraes possui um volume documental muito mais significativo no que diz respeito ao exílio, ao segundo, e ao terceiro governos. Em relação aos anos 1950 e 1960, a Coleção Miguel Arraes (Iconografia) reúne fotografias que são sugeridas como possibilidades de diálogo entre os acervos nesse momento.

Um outro aspecto importante na travessia da pesquisa *in loco* nos acervos foi a necessidade de estabelecer eixos-temáticos que pudessem colocar as ideias, pensamentos, ações políticas e trajetórias em diálogo. Por esse motivo, justificamos que a aproximação possível é mais temática do que documental. Desse modo, apontamos a possibilidade de estabelecermos três eixos-temáticos:

Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3
<ul style="list-style-type: none"> Reforma Agrária/Trabalhadores/Campo 	<ul style="list-style-type: none"> Política (1959/1962) 	<ul style="list-style-type: none"> Exílio

Conforme foi tratado na **Atividade 1** e na **Atividade 2**, o Acervo Pessoal Josué de Castro está em condições plenas de acesso e consulta. Desse modo, a dinâmica da pesquisa foi realizada com maior facilidade do que no Acervo Pessoal de Miguel Arraes. A digitalização completa das fotografias, o acesso a listagem dos documentos manuscritos foi realizado sem percalços. Já no acervo Miguel Arraes, utilizamos uma listagem do antigo IMA e dado o volume da documentação que ainda está em processo de indexação dos metadados, iniciado pelas fotografias, tivemos dificuldade para localizar alguns documentos. Apesar da observação, a pesquisa foi realizada, mas sugerimos que a instituição observe as recomendações registradas na **Atividade 1**. Passaremos para a discussão do Eixo Temático 1 (Reforma Agrária/Trabalhadores/Campo).

Eixo Temático 1 - Reforma Agrária/Trabalhadores/Campo

O período democrático compreendido entre os anos de 1946-1964 é conhecido na historiografia como a era das reformas. Desse modo, a terra, os trabalhadores e o campo estão entre as principais demandas sociais do período em tela. Ao realizarmos as pesquisas nos acervos de Miguel Arraes e Josué de Castro, percebemos uma aderência temática, principalmente relacionada à defesa da reforma agrária e uma aproximação com os movimentos sociais do campo, em especial, as Ligas Camponesas.

Os conjuntos documentais explorados nesse eixo temático foram o Acervo Pessoal Josué de Castro, a Coleção Miguel Arraes, o Acervo Pessoal de Francisco Julião, e a Biblioteca Blanche Knopf. Informo que os documentos selecionados, não necessariamente colocam Josué de Castro e Miguel Arraes em um diálogo profícuo. Exemplificando, não encontramos registros de fotografias de Miguel Arraes e Josué de Castro juntos nos conjuntos fotográficos dos acervos, mas fotografias com outro personagem político importante nesse momento histórico, Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas⁴². Em outras palavras, Josué de Castro e Miguel Arraes integravam o mesmo campo político, compartilhavam de visões semelhantes sobre a reforma agrária, estavam próximos dos trabalhadores, mas não necessariamente atuavam juntos.

Nos anos 1950, foram realizados dois importantes eventos relacionados com os trabalhadores rurais em Recife. O primeiro deles o Congresso de Salvação do Nordeste, no qual ao final foi redigida a Carta de Salvação do Nordeste, documento com proposições para melhoria da infraestrutura econômica e social da região. O documento foi assinado por políticos, intelectuais e lideranças dos movimentos sociais. E o 1º Congresso de Camponeses de Pernambuco, organizado pela SAPPP (Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco), quando Josué de Castro era diretor da FAO. Esses dois congressos possibilitaram que Josué de Castro se aproximasse do movimento de trabalhadores rurais que, a partir de então, passou a ser denominado pela mídia impressa de Ligas Camponesas, tema amplamente abordado na obra *Sete Palmos de Terra e um Caixão*⁴³. Nesse período entre 1951 e 1959,

⁴² Algumas obras de Francisco Julião entre essas "Cambão" são fundamentais para compreender a questão da terra nos anos 1950 e 1960. JULIÃO, Francisco. **Cambão: a face oculta do Brasil**. Recife: Bagaço, 2009.

⁴³ CASTRO, Josué de. **Sete Palmos de Terra e um Caixão**. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965. Fonte: Biblioteca Blanch Knopf - Fundaj. Nº de chamada 566/98.

Miguel Arraes era Deputado Estadual e acompanhava na Assembleia Legislativa as discussões voltadas para a questão da terra e do campo.

No que diz respeito a essa aproximação de Josué de Castro com os trabalhadores, o Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco à Candidatura de Josué de Castro a Deputado Federal em 1954 também pode ser utilizado para promover esse diálogo com a temática dos trabalhadores rurais e com a Reforma Agrária. O manifesto está localizado na Pasta 265 do Acervo Pessoal de Josué de Castro e foi veiculado no jornal *Folha da Manhã* no dia 19 de abril de 1954.

Outro momento importante para este eixo temático são as eleições de 1958 quando empresários e comunistas se uniram em favor das candidaturas de Cid Sampaio e Pelópidas da Silveira ao governo do estado de Pernambuco. Josué de Castro tentava o seu segundo mandato para deputado federal, ampliou a rede de apoios principalmente através de associações de trabalhadores rurais e da aliança com Francisco Julião. Recebendo apoio dos mais variados setores foi reeleito deputado federal pelo PTB, sendo o mais votado do Nordeste. Em sua segunda legislatura como deputado federal, Josué de Castro defendeu a desapropriação de terras por interesse social, tendo apoiado a desapropriação do Engenho Galiléia em Pernambuco⁴⁴. Na iconografia do Acervo Josué de Castro, especificamente nas fotografias P11_005; P111_006; P111_008; P111_009; P111_010, integram uma sequência em que Josué de Castro discursa em um palanque ao lado de Francisco Julião em uma região rural, provavelmente em 1958 no Engenho Galileia. Especificamente no Acervo Pessoal Josué de Castro a temática da Reforma Agrária se apresenta de maneira significativa na Pasta 265 com recortes de jornais e opiniões de Josué de Castro sobre a temática.

Já a Coleção Miguel Arraes, reúne camponeses em passeatas no município de Vitória de Santos Antão e em algumas imagens cartazes em apoio a Francisco Julião. No mesmo acervo é possível analisar uma fotografia de Miguel Arraes próximo à Francisco Julião e alguns camponeses nas imagens MAR_000106, MAR_000108, MAR_000109, MAR_000110, MAR_000111, MAR_000112, MAR_000113, MAR_000114, MAR_000115, MAR_000116, MAR_000117, MAR_000198. Ainda sobre a aproximação entre Arraes e Francisco Julião, é importante registrar que no último levantamento realizado dos metadados do Acervo Miguel Arraes, entramos duas fotografias, a primeira datada de 24 de setembro de 1964 com Arraes e

⁴⁴ AMORIM, Helder Remigio de. **Josué de Castro**: um pequeno pedaço do incomensurável. Jundiá [SP]: Paco, 2022, p. 328.

Francisco Julião em meio aos populares (MA00005). E outra com Julião, Arraes, e o seu filho José Almino de Alencar e Silva Neto (MA00031), provavelmente da década de 1960.

Ainda é possível utilizar uma das obras de Josué de Castro como fonte para este eixo temático. Na obra *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, considerado um escrito do exílio, Josué de Castro, faz uma releitura das tensões sociais do Nordeste e do Brasil nos anos em que antecederam o golpe de 1964. As lutas políticas puseram em debate modelos de desenvolvimento, em especial, a estrutura agrária. Para Josué de Castro, as mazelas sociais do Brasil, em especial, as do Nordeste, foram edificadas historicamente a partir de uma relação contígua entre os interesses econômicos internacionais e a elite agrária. Alguns trechos do livro recuperam o ambiente de reformas dos anos 1950 e início dos anos 1960, quando as bases dessa estrutura de poder, mantenedora da miséria, foi questionada. Os movimentos sociais tiveram um papel central na composição de um cenário de disputas que denunciava as desigualdades e injustiças sociais. Em um trecho da obra, Josué de Castro cita alguns dos personagens que trabalhados neste eixo temático:

ingênuo pensar que foi Julião quem inventou o problema agrário no Nordeste, que foi Arraes o autor da escravidão branca e das aspirações de justiça social, que foi Celso Furtado o revelador da economia dependente ou que fui eu quem inventou a fome. Não inventamos nada (CASTRO, 1967, p. 193).

Sobre esta obra destaco a solicitação de uma correspondência expedida por Josué de Castro para Francisco Julião, datada de 4 de janeiro de 1964 (Pasta 573, Acervo Josué de Castro), solicitando material para finalizar o livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*⁴⁵. Outro conjunto documental que pode ser colocado em diálogo com o acervo de Josué de Castro e de Miguel Arraes é o Acervo Pessoal de Francisco Julião. Nele é possível encontrar algumas outras correspondências que versam sobre os problemas econômicos do Nordeste (FJCRp1 doc1, 24/03/1958, FJCRp1 doc 2,1, 25/03/1958).

Nesse sentido, a partir da documentação pesquisada, acreditamos que haja possibilidade da produção de produtos educativos-culturais como um catálogo que reúna através das fontes

⁴⁵ Ainda no livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, Josué de Castro traça um comentário elogioso em relação a Arraes: "Como político se voltou Arraes com sincero devotamento aos problemas do povo e à busca de soluções democráticas para estes problemas. Cercou-se, em sua administração na Prefeitura do Recife e depois no Governo do Estado, de uma equipe de homens conhecedores destes problemas que o orientam tecnicamente no complexo labirinto das decisões a serem tomadas. Sempre participaram desta equipe, é verdade, comunistas, como também socialistas e católicos ferventes e praticantes e economistas e técnicos, muitos deles com um santo horror às lutas ideológicas, mas todos irmanados e galvanizados por um só ideal comum: a urgente transformação socioeconômica do estado-chave do Nordeste – Pernambuco". CASTRO, Josué de. **Sete Palmos de Terra e um Caixão**. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965, p. 75.

(fotografias, recortes de jornais e livros), um amplo debate sobre a *Reforma Agrária, os Trabalhadores e o Campo* nos anos 1950 e início dos 1960, estabelecendo conexões entre as trajetórias de Josué de Castro, Miguel Arraes, e Francisco Julião.

Eixo Temático 2 - Política (1959/1962)

No período que se estende de 1959 a 1962, podemos afirmar que se trata da ascensão de Miguel Arraes como liderança política. Ao longo dos anos 1950 foi Deputado Estadual por duas legislaturas e finalizou a década como Prefeito eleito do Recife. Enquanto Josué de Castro, já como intelectual reconhecido internacionalmente, passou a integrar o PTB e disputou suas primeiras eleições. A configuração política dos anos 1950 era complexa, em tempos de Guerra Fria, o Partido Comunista encontrava-se da ilegalidade, mas os comunistas não deixaram de existir organicamente, passando a apoiar candidaturas progressistas que orbitam o mesmo espectro político. Entre essas estavam lideranças que nunca pertenceram aos quadros do PC, como Josué e Arraes, mas receberam contínuo apoio em seus projetos políticos.

Naquele momento em Pernambuco, as esquerdas passaram a se articular para as eleições majoritárias de 1958 a partir da formação da Frente do Recife que congregou, inicialmente, o Partido Comunista, o Partido Socialista e o que se convencionou chamar de esquerda democrática. Mas foram nas eleições para prefeito do Recife em 1959 que a Frente Popular ampliou o seu leque de alianças e se apresentou na campanha com a expressão Frente do Recife. É nessa configuração política que Josué de Castro e Arraes que a documentação do acervo Josué de Castro traz inúmeros recortes de jornais, apresentando as disputas políticas e finalmente apontando para um diálogo mais preciso entre a documentação do acervo Josué de Castro e a trajetória política de Miguel Arraes.

O acervo Josué de Castro registra por meio de uma grande quantidade de recortes de jornais as eleições para prefeitura do Recife em 1959, mas que se estendem até as vésperas das eleições para o governo do estado em 1961. Nesse debate surge nos recortes de jornais, a possível candidatura de Josué de Castro para a prefeitura, disputando com Arraes. O PTB Pernambuco visa lançar candidato próprio e o nome de Josué de Castro é o mais cotado por ter sido o deputado federal mais votado. É possível perceber as disputas políticas dentro do PTB e as movimentações no estado, com a visita ao Recife de João Goulart, Presidente Nacional do PTB. Miguel Arraes surge nos jornais com um discurso de que seria candidato desde o começo da disputa. Nesse sentido, há possibilidades de aproximações entre os dois personagens centrais deste trabalho, principalmente após o nome de Josué de Castro demonstrar incertezas para os

planos de Arraes. No campo político, a imprensa aponta para um enfraquecimento de Miguel Arraes, caso Josué de Castro entre na disputa, visto que iria angariar parte dos votos das esquerdas. No que concerne a indicação da documentação, as pastas 27, 31 33, 34 trazem recortes de jornais que tratam do pleito municipal e posteriormente do governo do estado iniciando os debates entre 28/10/1958, se estendendo até 29/09/1961. Entre os periódicos que integram este conjunto documental estão o *Diario de Pernambuco*, *Jornal do Commercio*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *Última Hora (RJ)* e a *Folha da Manhã*.

"O prefeito que foi e o prefeito que não foi: as trajetórias díspares de Miguel Arraes e Josué de Castro" (1959-1961). A proposição deste produto está relacionada com a utilização da grande imprensa, em especial, os recortes de jornais como fonte histórica. As disputas internas do PTB, e a desistência da candidatura de Josué de Castro, a ascensão política e a liderança de Miguel Arraes que se torna prefeito e em seguida governador são temas que se caracterizam como uma oportunidade para produção de um livro que analise a partir da perspectiva política aquela configuração do pleito municipal que levará dois personagens centrais para a história de Pernambuco a tomarem caminhos distintos. Neste caso, os recortes estão exclusivamente no Acervo de Josué de Castro, mas trazem inúmeras informações sobre as escolhas políticas de Miguel Arraes.

Eixo Temático 3 - Exílio

No dia 9 de abril de 1964, o Ato Institucional N° 1 foi outorgado, determinou a cassação dos mandatos legislativos, de servidores públicos e a suspensão dos direitos políticos por dez anos daqueles que eram considerados uma ameaça à segurança nacional. As eleições para presidente da República passaram a ser indiretas. Entre os cassados, estavam personalidades importantes da vida política nacional como o presidente João Goulart, o governador de Pernambuco Miguel Arraes, os líderes comunistas Luís Carlos Prestes e Gregório Bezerra, o deputado federal Francisco Julião e de intelectuais como Darcy Ribeiro, Nelson Werneck Sodré e Josué de Castro. A prisão e o exílio foram os caminhos respectivamente de Arraes e Josué de Castro. Em 1965 por meio de um habeas corpus foi libertado, embarcou para a Argélia onde viveu catorze anos na condição de asilado político. No caso de Josué de Castro, já vivia em Genebra desde 1962 quando se licenciou do cargo de Deputado Federal para se tornar um embaixador para assuntos ligados à ONU, passou a viver o exílio em Paris até 1973 quando faleceu.

O tema do exílio perpassa as biografias desses dois personagens de maneira distinta. Alguns relatórios de vigilância do Exército tratam de divergências políticas entre os exilados, trazendo detalhes sobre o cotidiano de Arraes em Argel e destaca que Josué de Castro classifica as posições políticas de Arraes como — irrealistas e utópicas⁴⁶. De fato, Josué de Castro e o ex-governador de Pernambuco não chegaram a ter afinidade política durante o exílio. Apresentamos essa informação que provavelmente

Novamente justificamos não ser possível realizar um diálogo mais amplo entre os acervos. Na pesquisa no Acervo de Miguel Arraes não encontramos na Série Exílio as correspondências expedidas que constavam dois registros de correspondências com o nome de "Josué" (EXI.CE.0471.001 a 002.CX002, Josué 000471 / EXI.CE.0431.001.CX002, Josué 000431). Seguindo a perspectiva temática do exílio, no Acervo Josué de Castro, apontamos a Pasta 32, Pasta 39, Pasta 65 e a Pasta 76 que traz inúmeros recortes de jornais internacionais de atividades no exílio. Além de entrevistas concedidas sobre temas voltados para a realidade brasileira e a fome no mundo. Por outro lado, as diversas correspondências ativas e passivas do acervo Josué de Castro, uma parcela significativa, em língua estrangeira, demonstram as redes intelectuais que se ampliaram com a atuação no CID. Algumas poucas correspondências tratam detalhadamente do tema exílio ou ditadura civil-militar a exemplo de uma carta enviada por Josué de Castro para a sua filha Ana Maria Castro (Pasta 32).

Durante o exílio, Josué de Castro opera num âmbito mundial, abordando assuntos como o combate à fome, a participação no Centro Internacional de Desenvolvimento (CID) e as suas contribuições no mundo acadêmico como um dos fundadores da Universidade de Vincennes. Enquanto Miguel Arraes, continua a operar numa dinâmica nacional, voltada para a resistência à ditadura. Várias pastas do Acervo Miguel Arraes estão relacionadas com a resistência à ditadura e a propostas de luta armada contra a ditadura civil-militar. Há correspondências com personalidades como Gregório Bezerra, Carlos Marighela, Francisco Julião e Brizola, especificamente na SÉRIE EXÍLIO CX 27, CX 36. Desse modo, a Série Exílio também possibilita mapear os diversos periódicos mantidos por exilados como o Boletim de Informações do Font, Debates, Cartas Chilenas o que demonstra as redes políticas e de sociabilidade que Arraes cultivava⁴⁷.

⁴⁶ Ofício 916, 08 de outubro de 1965. Comissão de Relações Exteriores. Itamaraty, Brasília- DF.

⁴⁷ A historiadora Socorro Ferraz realizou um levantamento sobre a Série Exílio e afirmou: A atividade política de Arraes no exílio foi incessante e preencheu um bom tempo de sua atividade diária. Distante do seu país teve que refletir muito sobre a realidade brasileira. A partir dessa reflexão, pensou em possíveis caminhos para trazer à unidade as forças derrotadas em 1964. FERRAZ, Socorro. **A imprensa brasileira no exílio**. Recife, 09 de setembro, 2014.

Sugerimos enquanto projeto educativo-cultural uma Exposição Virtual intitulada *Exílios* que construa um percurso biográfico das duas trajetórias com atuações distintas nesse momento trágico da história do Brasil. Os personagens entram em cena com os projetos políticos e profissionais. Arraes com as estratégias de comunicação que visavam informar e organizar os exilados, e as articulações políticas de aproximação com lideranças que buscavam a independência de países africanos. Josué de Castro com uma vida intelectual ativa como Professor universitário e Presidente do Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID). Os dois personagens, na condição de exilados, mas somente Arraes retorna ao Brasil. A exposição poderia pensar uma linha do tempo temática entrecruzando a vida dos personagens e os acontecimentos da história do Brasil. Enfim, as correspondências, os periódicos, as fotografias podem ser colocados em diálogo com uma perspectiva crítica em relação ao exílio e a ditadura civil-militar. A exposição terá uma proposta pedagógica para conscientização e fortalecimento dos valores democráticos e dos direitos humanos.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Helder Remigio de. “**Arquivar a própria vida**”: O acervo pessoal de Josué de Castro como instrumento para a pesquisa histórica. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais • Aracaju • V.6 • N.1 • p. 135 - 144• Jun. 2017.

AMORIM, Helder Remigio de. **Josué de Castro**: um pequeno pedaço do incomensurável. Jundiá [SP]: Paco, 2022.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Josué de Castro**: o homem, o cientista e o tempo. Estudos Avançados. São Paulo: 11 (29), 1997.

ARAÚJO, Rita de Cássia de. COLETIVA | Villa Digital | O Arquivo Josué de Castro na Fundação Joaquim Nabuco | n° 13 | 15 de dezembro de 2023 | ISSN 2179-1287

CASTRO, Josué de. **Sete Palmos de Terra e um Caixão**. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari**: biografia cruzada. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERRAZ, Socorro. **A imprensa brasileira no exílio**. Recife, 09 de setembro, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A História como ofício**: a construção de um campo disciplinar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004

HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo**: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012

JULIÃO, Francisco. **Cambão**: a face oculta do Brasil. Recife: Bagaço, 2009.

MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Org.). **Josué de Castro**. Série Perfis Parlamentares, n.52. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. SANTOS, Taciana Mendonça. Lutas em Pernambuco... A frente do Recife chega ao poder (1955-1964). In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. **Nacionalismo e Reformismo Radical** (1945-1964). As esquerdas no Brasil; v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 454.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROZOWYKWIAT, Tereza. **Arraes**. 2ª Ed. São Paulo: Iluminuras, 2017.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. Miguel Arraes. Imagens do povo e nação na conformação de um ideário de esquerda. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. **Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)**. As esquerdas no Brasil, v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Assinatura

Helder Remigio de Amorim
045857854-18